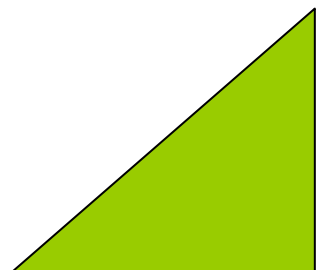


Caracterização técnico-táctica do modelo de jogo de duas equipas de futebol da superliga portuguesa (estudo de caso)

Mário Henriques de Oliveira

Porto, 2006



Caracterização técnico-táctica do modelo de jogo de duas equipas de futebol da superliga portuguesa (estudo de caso)

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, opção futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Orientador: Professor Doutor António Natal

Aluno: Mário Henriques de Oliveira

Porto, 2006

1. Resumo

O presente trabalho pretendeu realizar uma observação descritiva sobre duas equipas da superliga portuguesa de futebol, nomeadamente a Equipa A e Equipa B, em competições nacionais e internacionais (cinco jogos para cada equipa). Fizemos por consequência uma comparação das características de jogo das duas equipas, sobre quatro temas: a ocupação do espaço, a circulação de bola, os duelos e a finalização. A nossa intenção foi observar o processo ofensivo e o processo defensivo de cada equipa para poder analisar as semelhanças e as diferenças entre as características de jogo de duas equipas portuguesas de alto nível.

O trabalho realizado demonstrou que a Equipa B actuou de forma mais alta no campo que a Equipa A, onde verificamos acções ofensivas mais prolongadas (através da média de passes por A.O) por parte da Equipa B (3,41) sobre a Equipa A (2,55). Relativamente aos circuitos preferenciais, notamos uma identidade própria de jogo da equipa B, já que apresentou relações constantes (sobretudo nas relações fortes e determinantes) entre os jogadores durante os jogos observados. Ao contrário, verificamos que a Equipa A não foi muito constante, no que diz respeito à circulação de bola. Esta última revelou-se inconstante ao longo dos jogos observados.

No que diz respeito aos duelos, as duas equipas (54,08 % para a Equipa A e 54,35 % para a Equipa B) conseguiram obter um balanço geral positivo entre os duelos ganhos e perdidos. Relativamente aos duelos nos diferentes sectores de jogo, as equipas apenas conseguiram obter um balanço positivo nos seus duelos, nos sectores defensivos. Verificamos também que a Equipa B (64, 13%) disputou mais duelos com o pé que a Equipa A (55,73 %).

Quanto à finalização, verificamos que a equipa B (14,8) se revelou “mais ofensiva”, com uma média de remates por jogo superior à Equipa A (11,6). No entanto esta última (8,06 %) revelou uma maior eficácia que a Equipa B (4,05 %). No que diz respeito às Z.I.A.O.F (zonas iniciais das acções ofensivas finalizadas) e Z.T.A.O.F (zonas terminais das acções ofensivas finalizadas), a Equipa A mostrou uma tendência para iniciar essas acções perto da baliza adversária, o que explica acções ofensivas finalizadas mais curtas (2,11) que a Equipa B (4). A Equipa B construiu acções ofensivas finalizadas mais distantes da baliza adversária. A zona 14 (zona axial esquerda, no sector ofensivo) foi a zona mais produtiva para as duas equipas, relativamente ao número de remates.

PALAVRAS CHAVES: Ocupação do Espaço - Circuito preferencial - Duelo - Finalização – Acção Ofensiva

Résumé

Le travail suivant a voulu réaliser une observation descriptive de deux équipes de la «Superliga» (première division portugaise de football), l'équipe A et l'équipe B, lors des compétitions nationales et internationales (cinq matchs observés par équipe). Nous avons, effectué une comparaison des caractéristiques de jeu des deux équipes en observation, sur quatre thèmes : l'occupation de l'espace, la circulation de balle (circuits préférentiels, les duels et la finition). Notre intention, dans cette étude, a été d'observer le processus offensif et le processus défensif de chaque équipe, pour pouvoir analyser les ressemblances et les différences entre les caractéristiques de jeu des deux équipes de haut niveau.

Le travail opéré a permis de démontrer que l'équipe B a évolué de manière plus haute sur le terrain que l'équipe A, où nous avons vérifié des actions offensives plus prolongées de la part de la première (3,41) sur la seconde (2,55). Relativement aux circuits préférentiels, nous avons remarqué une identité propre de jeu de l'équipe B, du fait qu'elle ait présenté des relations constantes entre les joueurs, lors des matchs observés. A l'opposé, nous avons constaté que l'équipe A, fut inconstante, lors des matchs observés, sur ce thème d'analyse.

Concernant les duels, les deux équipes (54,08 % pour l'équipe A et 54,35 % pour l'équipe B) ont obtenu un solde général positif, entre les duels gagnés et perdus. Quant aux duels dans les différents secteurs de jeu (secteur défensif, pré-défensif, pré-offensif et offensif), les deux équipes ont obtenu un solde positif, uniquement dans les secteurs défensifs. Nous avons constaté que l'équipe B (64,13 %) a disputé plus de duels avec le pied que l'équipe A (55,73 %).

Au sujet de la finition, nous avons remarqué que l'équipe B (14,8), a révélé un esprit plus offensif, avec une moyenne de tirs supérieur, que l'équipe A (11,6). Toutefois cette dernière avec 8,06 % a montré une meilleure efficacité que l'équipe B (4,05 %). Concernant les zones initiales et terminales des actions offensives finalisées, l'équipe A, a montré une tendance à démarrer ses actions offensives, près du but adverse. Ce qui explique des actions offensives finalisées de la part de l'équipe A (2,11), plus courtes (à travers la moyenne de passe par action offensive finalisée) que l'équipe B (4). L'équipe B a construit des actions offensives finalisées plus distantes du but adverse. La zone 14 (zone axial gauche du secteur offensif) fut la zone la plus productive pour les deux équipes, en terme de nombre de tir au but.

MOTS CLEFS : Occupation de l'Espace - Circuits préférentiels – Duels – Finition-
Action Offensives

Summary

This work purpose was to fulfill a descriptive observation over two Portuguese football super league teams, namely Team A and Team B, in national and international competitions (five games for each).

As a consequence we have made a comparison of the game characteristics of both teams, about four subjects: the space occupation, the ball circulation, the duels and finalization. Our intention was to observe the offensive and defensive process of each team in order to analyse the similarities and differences between the two Portuguese high level team's game characteristics.

The work we made showed that Team B was in field in the most high form then Team A, where we confirmed larger and offensive actions (through the passes average by A.O.) of Team B (3,41) in connexion with Team A (2,55). Concerning the predilected circuits, we verified an unique identity of game of Team B, because had made continual connexions (especially, in the strong and determinated connexions), between the players during the games we saw. Differently, we verified that Team A was not very constant, concerning the ball circulation. The last one was unsteady during the games.

Concerning the duels, both teams (54,08% Team A and 54,35% Team B) succeed and had in general a positive balance between the competitions they won and the ones they lost. Speaking of duels in the different game sections, both teams could only get a positive balance in the defensive sections. We verified also that Team B (64,13%) disputed more foot duels than Team A (55,73%).

About finalization, we verified that Team B (14,8) reveals himself "more offensive", with larger shots average by game than Team A (11,6). However the last one (8,06%) as developed a larger efficacy than Team B (4,05%). Concerning the Z.I.A.O.F. (initials zones of concluded offensive actions) and Z.T.A.O.F (terminal zones of concluded offensive actions), Team A showed a tendency to begin these actions near the adversary landmark, witch explains shorter concluded offensive actions (2,11) than Team B (4). Team B built more distant concluded offensive actions in the adversary landmark. Zone 14 (the left axial zone, in the offensive section) was the most productive for both teams, relatively speaking of the shots number.

Key words: Space Occupation – Predilected Circuit – Duel – Finalization – Offensive Action

2. Agradecimentos

Não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que colaboraram na realização deste estudo.

Aos meus pais e irmãos, David, Micãel e Carine, pelo carinho e apoio prestado ao longo destes anos de vida.

Ao Professor Doutor António Natal, orientador deste estudo, pela sua ajuda.

A todos aqueles não mencionados que, directa ou indirectamente, deram o seu contributo para que a realização deste projecto fosse uma realidade.

3. Índice geral

1. Resumo	p.I
2. Agradecimentos	p.IV
3. Índice	p.V
4. Índice de quadros	p. VII
4.1 Índice de figuras	p.VIII
4.2 Índice de esquemas	p.VIII
5.Introdução	p.1
6. Revisão Bibliográfica	p.5
6.1 Circulação de bola e ocupação do espaço	p.5
6.2 Os Duelos	p.11
6.3 A Finalização	p.15
7. Objectivos e Hipóteses	p.23
7.1 Objectivo Geral	p.23
7.2 Objectivos Específicos	p.23
7.3 Hipóteses	p.24
8. Material e Métodos	p.25
8.1 Amostra	p.25
8.2 Metodologia	p.26
9. Apresentação e Discussão dos resultados	p.34

9.1 Ocupação do Espaço e Circuitos preferenciais da bola	p.34
9.2 Duelos	p.43
9.3 A Finalização	p.51
10. Conclusão	p.59
11. Bibliografia	p.63
12. Anexos	p.66

4. ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Resume da revisão bibliográfica sobre a circulação de bola	p.10
Quadro 2 – Resume da revisão bibliográfica sobre os duelos	p.14
Quadro 3 – Média de golos e de remates segundo o resultado final	p.16
Quadro 4 – Probabilidades de ganhar, empatar ou perder segundo o número de golos marcados	p.17
Quadro 5 – Tipo da última acção antes do remate	p.18
Quadro 6 – Percentagem de golos marcados segundo o tipo de livre	p.18
Quadro 7 - Resume da revisão bibliográfica sobre a finalização	p.20
Quadro 8 – Jogos observados	p.25
Quadro 9 – Abreviaturas das variáveis de observação	p.27
Quadro 10 – Percentagens de acordos intra-observador registadas para variáveis em estudo	p.30
Quadro 11 – Média de passes por A.O	p.41
Quadro 12 – Orientação dos passes	p.42
Quadro 13 – Sistemas de jogo	p.43
Quadro 14 – Duelos ganhos e perdidos no sector defensivo	p.44
Quadro 15 – Percentagem de duelos ganhos e perdidos no sector pré-defensivo	p.45
Quadro 16 – Percentagem de duelos ganhos e perdidos no sector pré-ofensivo	p.46
Quadro 17 – Percentagem de duelos ganhos e perdidos no sector ofensivo	p.47
Quadro 18 – Percentagem de duelos disputados com o pé e com a cabeça	p.48
Quadro 19 – Percentagem de duelos ganhos e perdidos	p.49
Quadro 20 – Média de remates por jogo	p.51
Quadro 21 – Eficácia de golos por remate	p.52
Quadro 22 – Média de passes que antecedem um golo	p.53
Quadro 23 – Número médio de passes e de jogadores que intervêm nas A.O.F	p.54
Quadro 24 – Percentagem de A.O por zona que originaram e acabaram com remates	p.55
Quadro 25 – Sector que originaram as A.O.F	p.58

4.1 Índice de figuras

Figura 1 – Média de passes por A.O e média de jogadores a intervirem	p.41
Figura 2 – Orientação do jogo	p.42
Figura 3 – Duelos ganhos e perdidos no sector defensivo	p.44
Figura 4 – Percentagem de duelos ganhos e perdidos no sector pré-defensivo	p.45
Figura 5 – Percentagem de duelos ganhos e perdidos no sector pré-ofensivo	p.46
Figura 6 – Percentagem de duelos ganhos e perdidos no sector ofensivo	p.47
Figura 7 – Percentagem de duelos disputados com o pé e com a cabeça	p.48
Figura 8 – Percentagem de duelos ganhos e perdidos	p.49
Figura 9 – Média de remates por jogo	p.51
Figura 10 – Eficácia de golos por remate	p.52
Figura 11 – Média de passes que antecedem um golo	p.53
Figura 12 – Número médio de passes e de jogadores que intervêm nas A.O.F	p.54

4.2 Índice de esquemas

Ocupação do Espaço Equipa A – Esquema 1,2,3,4 e 5	p.35
Ocupação do Espaço Equipa B – Esquema 6,7,8,9 e 10	p.36
Relações fracas e médias Equipa A – Esquema 11,12,13,14 e 15	p.37
Relações fracas e médias Equipa B – Esquema 16,17,18,19 e 20	p.38
Relações fortes e determinantes Equipa A – Esquema 21, 22, 23, 24 e 25	p.39
Relações fortes e determinantes Equipa A – Esquema 26, 27, 28, 29 e 30	p.40
Esquema 31 - Percentagem de acções por Z.I.A.O e Z.T.A.O com remates – Equipa A	p.56
Esquema 32 - Percentagem de acções por Z.I.A.O e Z.T.A.O com remates – Equipa B	p.57

“Tanto queria ser jovem por vezes, para entrar como nunca o tinha feito, nesta relva curta. Jogar com ainda mais arrebatamento e audácia, com mais determinação e invenção que outrora. Demasiado tímido que eu era. Duvidando de mim e por consequência, da vida. Sei agora como tínhamos que fazer. Melhor, como tínhamos que ser. Passar, fintar, quais remates seriam meus. Imparável! Mas no futebol, como algures, é quando sabemos, que já é tarde”

(Georges Haldas citado por Alain Laurier 1989)

5. Introdução

Para Castelo (1994), o jogo de futebol é “um desporto colectivo com carácter lúdico, agonístico e processual, em que os onze jogadores que constituem cada equipa se encontram numa situação de adversidade típica não hostil”.

O desporto como outras formas de jogo, tende por ele mesmo encontrar formas lógicas, mais racionais e eficazes. Mas esta evolução interna é muitas vezes baseada em reacções instintivas ou intuitivas dos jogadores. Uma das tarefas do treinador é precisamente de acelerar este processo através da reunião do maior número possível de dados objectivos. Em futebol a tarefa é difícil. Esta dificuldade vem da “natureza complexa do conjunto dos deslocamentos dos jogadores, e das características da estrutura fundamental do jogo que torna a previsão do resultado aleatório” (Mombaerts, 1996).

Segundo Garganta e Pinto (1994) “o futebol pertence a um grupo de modalidades com características comuns, habitualmente designada por jogos desportivos colectivos”.

Bertrand e Guillement (1998, cit. por Castelo, 1996) consideram que “durante o jogo futebol nada é definitivo, nada é estabelecido para sempre”. Os autores acrescentam que, “a consequência de uma determinada situação de jogo, seja a perda da posse de bola, seja a intercepção de um passe, seja inclusive a marcação de um golo, os seus efeitos positivos ou negativos, traduzem-se durante um determinado tempo, os quais poderão ser imediatamente compensados na acção ofensiva ou defensiva subsequente. Esta realidade provoca uma segurança constante por parte dos jogadores, os quais evidenciam uma preocupação e tensão permanentes”.

O futebol aparece como uma modalidade que possuiu características próprias. Wiel Coever (1994) afirma que “nenhuma outra modalidade oferece aos jogadores, entrando em posse de bola, tantas possibilidades de criação”.

Por isso para Laurier (1989), “os jogadores devem ter objectivos e interesses comuns, contribuir ao sucesso da equipa e, colectivamente, respeitar os grandes princípios de jogo”. O autor prossegue então referindo os princípios de jogo, que ele acha importante respeitar:

- A Organização;
- O jogo defensivo;
- O jogo ofensivo;
- A escolha da progressão da bola (circulação da bola);
- Jogo com bola;
- Jogo sem bola (deslocar-se, colocar-se, variar as desmarcações...);
- Conhecer os princípios de jogo mesmo se não podemos sempre, respeitá-los;
- O aspecto físico (mudar de ritmo, abrandar para acelerar melhor);
- Estratégia de jogo;
- O mental (não denegrir este aspecto).

No presente trabalho pretendemos observar as características do modelo de jogo da Equipa A e da Equipa B que evoluíam na superliga portuguesa de futebol, afim de poder comparar as duas equipas, de modo a analisar as diferenças e semelhanças dos resultados obtidos por cada equipa. Será então importante rever os estudos feitos não só sobre os aspectos que vamos observar mas também sobre o jogo de futebol em geral.

No entanto Ali e Farraly (1990) cit. por Oliveira L. (1996), alertam para o facto de que o principal impedimento para a análise dos desportos de equipa, entre os quais o Futebol, é a existência de um grande número de potenciais variáveis em interacção durante o decurso duma partida.

Relativamente à escolha dos aspectos de jogo a observar, achamos pertinente efectuar observações do ponto de vista ofensivo e defensivo e assim integrar alguns aspectos referidos anteriormente por Laurier (1989) sobre os princípios de jogo, como a organização, o jogo defensivo e ofensivo, a escolha da progressão da bola (circulação de bola) e estratégia.

Garganta e Pinto (1994), afirmaram que “no jogo de Futebol é possível identificar duas grandes fases, em cada uma das quais, as equipas perseguem objectivos antagónicos: a fase de ataque e a fase de defesa”.

Castelo (1994) cita vários autores como Teodorescu (1984), Heddergott (1978), Dietrich (1972), Queiroz (1983), Hugges (1980) e Wade (1972) para referir que “o jogo de futebol

evidencia dois processos perfeitamente distintos, que reflectem clara e fundamentalmente diferentes:

i) conceitos, ii) objectivos, iii) princípios, iv) atitudes, e, v) comportamentos técnicos, tácticos, sendo determinados pela condição “posse ou não da bola”(processo ofensivo e processo defensivo)”.

Podemos então diferenciar duas fases distintas mas complementares. Castelo (1996) fala de “processo ofensivo e processo defensivo”. O processo ofensivo “contém em si uma acção positiva ou, por outras palavras, um fim positivo, pois só através deste o jogo pode ter uma conclusão lógica – o golo” (Castelo, 1996). Relativamente ao processo defensivo, Castelo (1996) afirma que este processo “contém em si uma acção negativa, pois durante o qual a equipa não poderá concretizar o objectivo do jogo. Ao conquistar-se uma vantagem importante, o processo defensivo desempenhou o seu papel e, então, tem que se desenvolver o ataque sob protecção dessa vantagem em que a passagem rápida ao ataque é o momento mais brilhante do processo defensivo”. Folgueira (2002) está de acordo com estas declarações afirmando que “o futebol como desporto de alta competição, tem dois vectores que se completam e interagem constantemente: o jogo defensivo e o jogo ofensivo”.

Foi neste base que assentamos a observação das equipas, centrando as nossas atenções em aspectos ofensivos e defensivos, analisando de um ponto de vista colectivo. Assim como refere Castelo (1996), “...nem o defensivo é apenas responsabilidade dos defesas”. Existe assim “uma expressão colectiva no processo ofensivo e uma expressão colectiva no processo defensivo, onde todos os jogadores atacam e todos os jogadores defendem” (Queiroz, 1983 cit. por Castelo, 1996).

Os duelos por exemplo serão analisados através das zonas do campo e não por linhas (linha defensiva, linha do meio-campo e linha do ataque) que compõem as equipas.

Temos que integrar vários parâmetros para poder ter uma ideia do que é realmente um jogo de futebol. Para Alain Laurier (1989), o futebol resume-se a uma série de acontecimentos que envolvem a “inspiração, antecipação, inteligência de jogo, criação individual e colectiva, sentido táctico e liberdade de acção”.

Por outro lado, Calvo Marini Esgargo (cit. por Trindade, 1974), declara que todo “trabalho de equipa, em futebol, é baseado sobre cinco elementos fundamentais” que são:

- Utilização racional do espaço;

- Utilização inteligente da bola;
- Procura permanente de superioridade numérica;
- Aptidão para jogar sem bola;
- Elaboração provável dos acontecimentos que podem ocorrer durante o jogo;

Como referido anteriormente, vamos encarar a observação das equipas de uma forma colectiva tentando dar uma visão geral da equipa. No entanto será interessante realçar, se necessário, o papel fundamental de um ou vários jogadores dentro de cada formação.

Muitos dos trabalhos realizados foram sobretudo centrados num só aspecto como a finalização (Castelo, 1996), a recuperação de bola, os sistemas tácticos, a eficácia defensiva, os duelos (Mombaerts, 1991; Doucet, 2002, Rosário, 1994; Teodorescu, 1984;...). Julgamos por consequência pertinente analisar aspectos defensivos e ofensivos, para dar uma visão geral das características de jogo das duas equipas observadas.

No entanto sabemos que é praticamente impossível observar todos os aspectos do jogo. Escolhemos, então, os seguintes factores a observar: a ocupação do espaço, a circulação de bola, a recuperação de bola através dos duelos e a finalização.

6. Revisão Bibliográfica

Na nossa perspectiva de observação, esta revisão bibliográfica revela-se fundamental para centrar as nossas atenções sobre os aspectos mais pertinentes que iremos observar. O facto de apresentar resultados de trabalhos que foram feitos sobre os temas do nosso estudo, permitir-nos-á orientá-los quanto aos resultados que iremos obter.

A relação de força entre as duas equipas observadas será um ponto importante para o nosso estudo. Segundo Metzler (1987), esta relação resume-se em “resolver em acto, com vários elementos e em simultâneo, problemas não previstos em princípio, na sua ordem de aparição, de frequência e de complexidade”.

6.1 Circulação de Bola e Ocupação do espaço

Os estudos feitos sobre equipas mostram circuitos preferenciais diferentes para cada equipa observada (Mombaerts, 1991). Por isso, não seria útil apresentar os resultados, pois eles diferenciam-se de uma equipa para outra. É um indicador que é próprio a cada equipa. Para Castelo (1993), “os jogadores de alto nível conseguem compreender as acções dos seus companheiros, criando-se uma rede de comunicação que coordena e sincroniza os movimentos de cada jogador”.

Podemos “ver” este circuito preferencial como um “código genético” para cada equipa. Gréhaigne (1992) define a rede de comunicação (circuitos preferenciais) pelo “regulamento que determina as inter-relações possíveis entre jogadores, pelas indicações dadas e as inter-relações realmente utilizadas durante o jogo”.

Falamos do processo de manutenção de posse de bola, onde Teodorescu (1984, cit. por Castelo, 1994) afirma que “respeitar este objectivo significa evitar o risco irracional presente em alguns jogadores através do qual se perde o esforço colectivo de uma forma extemporânea”. Esse mesmo autor acrescenta ainda que “é preferível uma acção técnico-táctica “a mais” do que uma acção que entregue a bola ao adversário. Com efeito, uma determinada acção técnico-táctica pode não constituir a solução mais adequada para uma dada situação momentânea de jogo, mas permite à equipa manter a posse de bola, que é sempre um aspecto positivo”.

O passe, aqui, tem um papel fundamental, porque também falamos da “acção predominante no jogo de futebol” (Castelo 1994). É “a acção técnico-táctica de relação de comunicação

material (a bola) estabelecida entre dois jogadores da mesma equipa, sendo portanto, a acção de relação colectiva mais simples de observar e executar” (Castelo 1996).

Segundo Hughes (1990, cit. por Castelo, 1996), “nada destrói tão rapidamente a confiança de uma equipa como um passe impreciso, nada constrói tão rapidamente a confiança de uma equipa como um passe preciso....não existe nenhuma estratégia que resista a passes imprecisos”. De facto, a observação dos passes de uma equipa, é também importante para avaliar o nível de confiança. Jogadores com pouca confiança libertarão a bola mais rapidamente, o que vai ter um efeito negativo sobre a transmissão dos passes entre os jogadores.

Kunze, A. (1987), citado por Cunha, V. (1997) afirma que “as acções de surpreender o adversário têm de ser rapidamente pensadas e variadas ”. Segundo Duffour (1990), refere que “quanto mais passes se realizam menos se surpreende o adversário”.

O mesmo autor (cit. por Castelo 1996), declara que “o aspecto crucial do jogo é, o facto de se ter ou não a posse de bola. A equipa que tem a posse de bola ataca, quando não tem a posse da bola defende. Neste contexto, seja qual for a posição do jogador, dentro da equipa este será sempre um potencial atacante ou defesa quando a sua equipa tem ou não a posse de bola”.

Pinto e Garganta (1989), destacam como características comuns dos modelos de jogo evoluídos, a capacidade de “impor o seu jogo”. Dias (2000), no seu trabalho monográfico, refere que “a forma de gerir a posse de bola, é diferente de equipa para equipa, cada uma dependendo do seu modelo de jogo terá a sua forma de recuperar e manter/operacionalizar a mesma”.

Para Castelo (1996), “a posse de bola não é um fim em si e torna-se utópico, se não for conscientemente considerada como o primeiro passo indispensável no processo ofensivo, sendo condição “*cine qua non*” para a concretização e a manutenção da posse de bola”. O mesmo autor ainda reforça esta ideia explicando que “a circulação de bola, quando realizada pelo vários jogadores de uma forma contínua, fluente e eficaz, cria uma constante instabilidade e consequentemente desequilíbrios na organização defensiva adversária”.

Ter a posse de bola aparece então como uma vantagem quer a nível motor (o adversário não pode atacar a baliza adversária) quer a nível psicológico (cria instabilidade emocional no adversário). Para Cruyff (cit. por Ricardo Barreto, 2003) “o importante na posse de bola é que te permite fazê-la circular. Se estiveres a ganhar por 1-0, por exemplo, e continuares a ter a bola, obrigas o adversário a correr mais riscos, aumentando as possibilidades de ele errar, permitindo assim a criação de espaços para atacar”.

Valdano (1998) citado por Dias (2000), referindo-se ao Mundial 1998, afirma que “quando os teóricos começavam a convencer-se de que convinha não usar a bola para poder ganhar, este mundial devolveu o futebol ao bom senso: chegaram às meias-finais não só os que tomaram a iniciativa, como também aqueles que acreditam que a bola é o ponto de partida deste jogo”.

Segundo Teodorescu (1984) “respeitar este objectivo (a manutenção de bola) significa evitar o risco irracional presente em alguns jogadores, através do qual se perde o esforço colectivo de uma forma extemporânea”.

Da análise feita por Castelo (1994) dos jogos das finais dos campeonatos do mundo e da Europa, no período compreendido entre 1982 e 1990, o autor verificou que o número médio de jogadores que intervieram directamente sobre a bola durante a acção ofensiva (numa amostra de 674 acções ofensivas) foi de 7 jogadores.

No estudo feito por Cunha (1997) sobre equipas europeias como o A.F.C.Ajax, F.C.Barcelona, Bayern de Munique e F.C.Porto, ele verificou que, em todas as equipas observadas, a média do número de passes se situa nos valores $2,63 \pm 0,68$ e a média do número de jogadores encontrados é de $3,04 \pm 0,41$.

Quando uma equipa possui a bola, deve “atacar o adversário que na sua vez lhe ataque defendendo e quando não tem a bola, deve atacar o possessor da bola que lhe ataque com a bola na sua posse” (Folgueira, 2002).

Um problema fundamental nos desportos colectivos é a “reversibilidade” que destaca a passagem do “ataque” à “defesa” para cada jogador e põe em evidência de situação de duplo efeito (Deleplace, 1979 citado por J.F Gréhaigne, R.Guillon, M.Billard, Dossier EPS n:17).

A reversibilidade das situações encontra-se em relação com o facto que as equipas atacam e defendem numa relação de oposição. Esta reversibilidade tem que ser considerada com a dupla relação continuidade / ruptura (Deleplace, 1979):

- Ou uma circulação da bola e jogadores para colocar uma configuração oportuna;
- Ou uma ruptura momentânea do estado de equilíbrio do sistema de ataque/defesa que induz um perigo se a execução é rápida;
- Ou em caso de insucesso frente à baliza, criar outras situações com a posse de bola para esperar uma nova oportunidade;
- Ou uma ruptura definitiva do jogo com perda da bola.

Através desta explicação, poderemos tentar observar se as equipas observadas, procuram construir as acções ofensivas (A.O) ou se ao contrário as A.O incluíam sequências com poucos passes. Neste sentido Castelo (1994) refere três principais formas do ataque: o contra-ataque, o ataque rápido e o ataque posicional.

Relativamente ao contra-ataque, o autor refere que quatro, é o número máximo de jogadores que podem intervir sobre a bola e onde o número máximo de passes não deverá superar cinco.

Quanto ao ataque rápido, caracterizada pelos mesmos aspectos referenciados anteriormente, o autor declara que “a diferença estabelece fundamentalmente no facto do contra-ataque procurar assegurar as condições mais favoráveis para preparar a fase de finalização, antes da defesa contrária se organizar efectivamente”. O número máximo de jogadores que intervêm na bola é de seis. Quanto ao número de passes, não poderá ser superior a sete.

Por último o autor referencia o ataque posicional caracterizado pela elevada elevação da fase de construção do processo ofensivo, em que a maior ou menor velocidade de transição da zona de recuperação da posse de bola às zonas predominantes de finalização, é sempre consequência do nível de organização da equipa em processo ofensivo e da equipa em processo defensivo. O mesmo autor ainda refere que “todos os processos ofensivos que não preenchem os pressupostos estabelecidos para o contra-ataque, ou para o ataque rápido foram considerados ataques posicionais”.

Relativamente ao espaço de jogo, a posição dos jogadores de uma equipa, segundo a posição do “bloco equipa” no terreno de jogo, pode significar que uma equipa teve ou não o domínio do jogo. O espaço de jogo para Jorge Castelo (1996) “oferece a todo o momento a possibilidade de transformar o significado preciso do comportamento dos jogadores, em função das suas intenções e dos seus projectos, onde todas as movimentações longe de serem independentes umas das outras, influenciam-se mutua e reciprocamente. Um jogador intervém sempre na orgânica do jogo, quer seja o adversário ou o companheiro, facilitando ou contrariando, pelos seus deslocamentos, o jogo colectivo”.

Esse mesmo autor determinou várias ligações e definiu-as:

As ligações básicas:

“Ao unirmos os jogadores através de linhas obtém-se uma cadeia de figuras geométricas denominadas de triângulos. O futebol é uma questão de triângulos. As relações básicas são asseguradas pelas relações dinâmicas de cada triângulo” (Castelo, 1996).

As ligações ofensivas largura - profundidade:

No processo ofensivo “asseguram-se sempre ligações em largura e profundidade que têm como objectivo aumentar as dificuldades de marcação dos jogadores da equipa de posse de bola proporcionando uma rápida e segura progressão desta em direcção à baliza adversária” (Castelo, 1996).

As ligações defensivas – concentração:

No processo defensivo é “necessário assegurar a concentração na zona defensiva própria. Esta acção realiza-se nos espaços mais perigosos para a baliza, ou seja, nas zonas de maior predominância das finalizações” (Castelo, 1996).

O parâmetro “espaço” apresentado por Paralelas (1974) citado por Duarte (1999), refere que “qualquer prova desportiva, evolui no interior de um campo fechado no qual todas as acções são canalizadas no interior das fronteiras que o espaço em si encerra e para lá deste o jogo não tem sentido”.

Garganta (1997) vai ainda mais longe declarando que “temos assim um espaço formal, físico, definido pelo regulamento; um espaço conformacional, definido pela exposição dos jogadores no terreno; e um espaço informacional, não explícito, que resulta da construção cognitiva dos jogadores...”.

Segundo o mesmo autor, “o espaço é sobretudo um quadro referencial de pensamento e acção, através do qual se desenvolvem outras acções com base em modelos representativos da experiência do jogador”.

Os sistemas de jogo

Os sistemas de jogo “representam a estrutura fundamental da táctica colectiva. Através deste sistema, estabelecemos uma diferença entre as linhas da equipa, linha dos defesos, dos médios e dos avançados” (Théodoresco, 1996).

Relativamente à evolução dos sistemas de jogo, de uma forma geral o futebol tende a reforçar a defesa. Esta evolução foi feita de acordo com as exigências de competição. A recapitulação histórica dos diferentes sistemas de jogo utilizados foi importante de realizar, para poder ter uma imagem prévia sobre a forma como poderão actuar as equipas observadas.

No entanto, “não existe nenhum sistema de jogo que possa compensar a insuficiência técnica de um mau passe ou de uma má recepção, de falta de enquadramento de um conjunto de regras básicas de coordenação dos comportamentos dos jogadores no terreno de jogo...” (Castelo, 1996).

De seguida apresentamos no quadro 1, um referencial dos principais argumentos a terem em conta para a nossa observação relativamente à circulação de bola.

Quadro 1 – Resume da revisão bibliográfica sobre a circulação de bola

Autor	Ano	Amostra	Resultado
Castelo, J.	1994	Jogos das finais dos campeonatos do Mundo e da Europa entre 1982 e 1990, numa amostra de 674 acções ofensivas	O número médio de jogadores a intervirem directamente com a bola durante a A.O, foi de 7 jogadores.
Castelo, J.	1994	Jogos das finais dos campeonatos do Mundo e da Europa entre 1982 e 1990, numa amostra de 674 acções ofensivas	<u>Contra-ataque:</u> o autor refere que quatro, é o número máximo de jogadores que podem intervir sobre a bola e onde o número máximo de passes não deverá superar cinco. <u>Ataque rápido:</u> O número máximo de jogadores que intervêm na bola é de seis. Quanto ao número de passes, não poderá ser superior a sete. <u>Ataque posicional:</u> valores superior aos referidos anteriormente.
Cunha,V.	1997	Ajax, FC Barcelona, Bayern de Munique e FC Porto	A média do número de passes nas A.O situa-se nos valores de $2,63 \pm 0,68$ e a média de jogadores encontrados é de $3,04 \pm 0,41$

6.2 Os Duelos

Para que uma equipa possa desenvolver o seu jogo, ela precisa ter a posse de bola. Por isso num primeiro tempo, os jogadores têm que ganhar os duelos. Benedik (1984) afirma que o duelo é um “elemento essencial do jogo, na maior parte das situações de jogo, não se pode evitá-lo”. Para o nosso estudo, encaramos o duelo integrando-lhe no processo ofensivo (conseguir um drible, ou ganhar um duelo para dar seguimento a uma A.O) e no processo defensivo (recuperar a bola ao adversário). Este autor realça então a importância que cada jogador adquira a técnica do duelo. Segundo o mesmo autor, O “futebol se caracteriza por um aumento da velocidade e dureza dos duelos” (Benedick, 1984).

O processo defensivo segundo Teodorescu (1984 cit. por Castelo 1994), “representa a fase fundamental do jogo, na qual uma equipa luta para entrar na posse de bola, com vista à realização de acções ofensivas sem cometer infracções e sem permitir que a equipa adversária obtenha golo”. O mesmo autor explica que o “objectivo básico da defesa é de restringir o tempo e o espaço disponível dos atacantes, mantendo-as sob pressão e negando-lhe a possibilidade de poder progredir no terreno de jogo”. Para o nosso trabalho não distinguimos os duelos ofensivos, dos duelos defensivos. Podemos definir os dois tipos de duelos segundo o autor:

- Duelo Defensivo - corresponde à acção de jogo, durante a qual se verifica contacto corporal entre dois jogadores das duas equipas em confronto, com intuito da recuperação da posse de bola (do ponto de vista da defesa).
- Duelo ofensivo - corresponde à acção de jogo, durante a qual se verifica contacto corporal entre dois jogadores das duas equipas em confronto, com intuito da continuação da posse de bola (do ponto de vista do ataque).

Achamos importante referir que consideramos “duelo”, mesmo quando não se verificou contacto corporal (ex: o defesa antecipou-se do atacante, e chegou primeiro à bola, na luta com o adversário).

Queiroz (1986) revela que os comportamentos individuais e colectivos dos praticantes, num contexto de oposição e que se expressa por situações que contenham atacantes contra defensores, são específicos de cada jogo, manifestando o seu carácter geral relativamente à defesa em:

- Marcar o adversário tendo uma atitude agressiva permanente – acção de duelo defensivo (se houver contacto corporal).
- Provocar e aproveitar os erros do adversário, com intuito de o desarmar (tirar-lhe a posse de bola).

E no que respeita ao ataque em:

- Obrigar os defesas a cometer erros e tirar partido deles (faltas resultantes da acção de duelo);
- Ultrapassar o adversário no que se refere ao atacante de posse de bola.

Afinal porque existe o duelo?

Doucet (2002) declara que é por causa “do jogador não passar a bola demasiado cedo ou que o jogador que deve receber a bola, não se deslocou (ou desmarcou) de forma a se encontrar num espaço livre ao momento da recepção”.

Mombaerts (1992) publicou um trabalho sobre vários indicadores entre os quais a finalização e os duelos. Para o autor, não é suficiente não perder os duelos com bola na sua metade de campo (zona defensiva) para assegurar a vitória num jogo.

A análise divulga ainda alguns aspectos importantes do jogo de futebol como:

- Importância de não perder duelos nos sectores defensivos, na qual acrescentamos a importância de ir ganhar os duelos com bola na metade de campo adversária quando a equipe sobe.
- Tem-se que ir ganhar os duelos sem bola (deslocamentos para se desmarcar do adversário) e depois os duelos (com ou sem bola) nos sectores ofensivos.

Gréhaigine (1992) insiste no sector do meio campo, ou seja, para nós, o sector pré-defensivo e o sector pré-ofensivo, alegando que é um sector onde a densidade dos jogadores é a mais importante “nos dispositivos de jogo modernos”. É aqui na maior parte do tempo que se situa os pontos de ruptura do “estado de equilíbrio” entre o ataque e a defesa. É então lógico afirmar que ganhar os duelos neste sector do meio campo pode revelar-se determinante para conseguir os objectivos de jogo.

O sector de recuperação de bola pode ter alguma influência sobre o decorrer do processo de ataque. Assim Wrzos (1984) refere que “quanto mais a recuperação acontecer perto da baliza adversária, mais rápida será esta transição. A eficácia das sequências ofensivas

aumenta, à medida que a recuperação da posse de bola acontece mais perto da baliza adversária”. É evidente a importância de ter a posse de bola. Mas que fazer dela?

Castelo (1994) notifique que “após a recuperação de bola, esta deve chegar rapidamente aos espaços predominantes da finalização”

Os duelos aparecem então como uma acção fundamental no jogo moderno. Segundo Doucet (2002), “os duelos constituíam entre 30 e 40% das acções de um jogo de futebol”. Os duelos podem ser disputados no solo ou no ar. Disputar um duelo com bola, é “conduzir a bola em drible num espaço do terreno ocupado por um adversário onde ele deverá evitá-lo ou contorná-lo. O drible conseguido é eficaz porque ele permite passar a linha de vantagem e eliminar um adversário para se encontrar numa situação de superioridade numérica” .

Além desses aspectos dos duelos, Doucet (2002) revela outros aspectos gerais nas situações em que as equipas ganham e quando perdem um jogo:

As equipas vencedoras:

- Ganham em média 53,6 % dos duelos e perdem 43,4%;
- Ganham os duelos nas zonas pré-ofensivas;
- Perdem menos duelos nas zonas próximas da baliza (zonas ofensivas).

As equipas que perdem:

- Perdem mais duelos (53,6 %) contra 43,4 % de duelos ganhos;

Para vencer um jogo, temos que:

- Ganhar os duelos nas zonas próximas da sua baliza;
- Perder menos duelos que o adversário nas suas zonas pré-defensivas;
- Apresentar um balanço positivo entre duelos ganhos e duelos perdidos;

São frequentes as vezes onde ouvimos treinadores dos diferentes escalões, “aconselhar” os seus jogadores a não efectuar dribles (duelo ofensivo). Mas esta acção ofensiva pode revelar-se como poderosa para desequilibrar o esquema táctico adversário. Wiel Coever (1984) afirma que “no dia em que você conseguirá fintar um adversário, você será um elemento fundamental da equipa”.

No quadro 2, apresentamos o quadro referencial relativo à recolha da revisão bibliográfica sobre duelos.

Quadro 2 – Referencial da revisão bibliográfica sobre os duelos

Autor	Ano	Amostra	Resultado
Mombaerts,E.	(1992)	AS Cannes, Auxerre: 1989	Não é suficiente não perder os duelos com bola na sua metade de campo (sectores defensivos) para assegurar a vitória num jogo. É importante também: • Não perder duelos nos sectores defensivos; • Ganhar os duelos com bola na metade de campo adversária quando a equipe sobe. • Ganhar os duelos sem bola (deslocamentos para se desmarcar do adversário) e depois os duelos (com ou sem bola) nos sectores ofensivos.
Gréhaigne	(1992)		É no sector pré-defensivo e no sector pré-ofensivo que se situa os pontos de ruptura do “estado de equilíbrio” entre o ataque e a defesa. Ele afirma que ganhar os duelos nestes sectores podem revelar-se determinantes para conseguir os objectivos de jogo.
Wrzos	1984		À medida que a recuperação da posse de bola acontece mais perto da baliza adversária
Doucet	2002	Matra Racing – 1985/1987 Euro 88 Europeu 87 – Juvenis Euro 92 Selecção de França – 1987 AS Cannes 99/2000 AS Monaco - 1988/1990	Os duelos constituíam entre 30 e 40% das acções de um jogo de futebol
Doucet	2002	Matra Racing – 1985/1987 Euro 88 Europeu 87 – Juvenis Euro 92 Selecção de França – 1987 AS Cannes 99/2000 AS Monaco - 1988/1990	As equipas vencedoras: • Ganham em média 53,6 % dos duelos e perdem 43,4%; • Ganham os duelos nas zonas pré-ofensivas; • Perdem menos duelos nas zonas próximas da baliza (zonas defensivas). As equipas que perdem: • Perdem mais duelos (53,6 %) contra 43,4 % de duelos ganhos; Para vencer um jogo, temos que: • Ganhar os duelos nas zonas próximas da sua baliza; • Perder menos duelos que o adversário nas suas zonas pré-defensivas; • Apresentar um balanço positivo entre duelos ganhos e duelos perdidos;
Walhl	1995	Mundial de 1982 que se realizou em Espanha	A média de golos sofridos pelas equipas, durante a competição era de 1,40.

6.3 A Finalização

“O jogo de futebol é objectivado pela concretização do golo. Perseguir continuamente este objectivo, vencendo a resistência organizada do adversário, é a tarefa mais importante e todos os jogadores de uma e outra equipa têm de se esforçar para cumpri-la com maior frequência possível” (Castelo, 1994).

Parece-nos fundamental que para conhecer melhor o jogo, “é importante analisar as acções ofensivas...” (Talaga, 1985).

Não existe dúvida nenhuma em afirmar que o “objectivo último do jogo de futebol é marcar golos” (Wiel Coever, 1984). Segundo Teodorescu (1984), “a concretização do golo deverá orientar todo o processo de uma equipa que se encontra na posse de bola”.

Mas contrariamente a outras modalidades como o Basquetebol ou o Andebol, onde se verifica uma relação percentual entre o número total de acções ofensivas (A.O) que culminam em cesto, ou golo, atingindo uma percentagem de eficácia de 80 %, o futebol só atinge uma percentagem de eficácia de 1,5 % a 2 % do total das A.O (Castelo, 1994).

Através dos resultados obtidos por Wrzos (1984), e de Gréhaigne (1992), citado por Cardoso (1998), podemos observar que, o número médio de acções ofensivas efectuadas pelas equipas durante um jogo tem um valor bastante aproximado. Assim Wrzos (1984), registou uma média de 112 ataques efectuados por jogo no mundial de 1978 e 105 no mundial de 1982, enquanto Gréhaigne (1992), observou uma média de 110 acções ofensivas durante o campeonato mundial de 1986. Castelo (1994), no seu estudo baseado nos mundiais de 82, 86 e 90, encontrou o valor médio de 135 ataques por jogo, sendo portanto, este valor um pouco elevado em relação aos valores apresentados pelos outros autores.

Wiel Coever (adaptado por Jean Philippe Laffont, 1984) afirma que face a defesas mais coesos, “os avançados devem ser cada vez mais capazes de explorar cada oportunidade”. Ele afirma ainda que no futebol actual, “temos que absolutamente, aproveitar as ocasiões de golo, porque elas são cada vez mais raras”.

Relativamente à finalização, Gréhaigne (1992) confessa que aproximadamente 1% da totalidade das situações de jogo (bolas jogadas por uma equipa) acabavam com um golo. A eficácia diante a baliza aparece então como um factor determinante. É a diferença que existe entre as equipas supostamente inferiores e os “grandes”.

A finalização traduz-se por um remate ou um golo. Podemos definir o remate como “toda a acção técnico - tático exercida pelo jogador sobre a bola, com o objectivo de a introduzir na baliza adversária” (J. Castelo 1996).

Segundo Castelo (1996, p290), 49 % dos golos são concretizados a 11 metros da linha de golo, 38 % entre os 11 e os 22 metros e 14 % a mais de 22 metros (ao diminuir a distância da baliza aumenta a eficácia da acção técnico-tático de remate).

A finalização é então considerada como já foi dito anteriormente como a “expressão terminal do jogo e o resultado lógico das acções. O remate ou o golo sucedem a todos os elementos técnicos do jogo. É para marcar um golo, que toda a equipa trabalha colectivamente e tenta colocar o rematador nas melhores condições” (Doucet, 2002 p.114). Esse autor realizou um trabalho interessante estudando as fases de ataque que terminavam com um remate. Vamos então transcrever alguns dos resultados recolhidos através da observação de diferentes equipas (Seleção Francesa, A.S Mónaco, A.S Cannes...):

No quadro 3, é interessante observar que a média de remates por jogo, no caso em que a equipa perde (9,86) ou empate (10,87), é muito próximo. As equipas rematem em média, 13,84 quando ganhem.

Quadro 3 – Média de golos e de remates segundo o resultado final do jogo

	Derrotas	Empates	Vitórias
Média de golos marcados por jogo	0,48	0,71	2,29
Média de remates por jogo	9,86 (+/- 0,5)	10,87 (+/- 0,4)	13,84 (+/- 0,5)
Eficácia	4,82 %	6,58 %	16,21 %

Relativamente à eficácia, os estudos de Wrzos (1984), realizados nos mundiais de 78 e 82, mostram que a eficácia das acções ofensivas anda próxima dos 11%, apresentando um valor de 11,2% para o mundial realizado na Argentina, e de 11,6% para o mundial efectuado na Espanha. Grehaigne (1992) encontrou um valor de 10% nos estudos levados a cabo durante o mundial de 1986.

Quanto ao número médio de remates por jogo, Mombaerts (1991), que observou o Europeu 88, a média de golos obtida apontava para 1 golo, por cada 10 ou 11 remates efectuados.

Continuando nos resultados apresentados por Doucet (2002), apresentamos alguns números.

A) Número médio de passes que antecedem um remate

A percentagem de remates por equipas de alto nível em função do número de passes:

- 45,6 % dos remates são efectuados após um passe;
- 73,5 % dos remates são efectuados após uma sequência inferior aos 3 passes.

B) Zonas de origem das acções ofensivas que terminam com remate (A.O.F)

As A.O.F (finalizadas) para as equipas de alto nível iniciam nas diferentes zonas do campo conforme os seguintes resultados:

- 22 % das A.O.F iniciam nas zonas defensivas (sector defensivo);
- 17 % das A.O.F iniciam nas zonas pré-defensivas (sector pré-defensivo);
- 25 % das A.O.F iniciam nas zonas pré-ofensivas (sector pré-ofensivo);
- 38 % das A.O.F iniciam nas zonas ofensivas (sector ofensivo);

C) Os golos

No quadro 4, é apresentado as probabilidades de ganhar, empatar ou perder em função do número de golos marcados durante o jogo.

Quadro 4 – Probabilidades de ganhar, empatar ou perder segundo o número de golos marcados

As equipas que marcam têm:	O Golo	1 Golo	2 Golos
Uma probabilidade de perder de:	57 %	32 %	7,6 %
Uma probabilidade de empatar de:	43 %	38 %	23 %
Uma probabilidade de ganhar:	0 %	30 %	69 %

D) A ultima acção

No quadro 5, o autor refere a percentagem do tipo da última acção antes do remate.

Quadro 5 – Tipo da última acção antes do remate

Tipo de Acção	Percentagem %
Passes curtos - Desvios	21 até 25
Cruzamentos	32,5 até 34,3
Passes longos	10,2 até 14,8
Remates	1,5 até 3,7
Nenhum passe, acção Individual	2,4 até 17,4
Recuperação de bola sobre o adversário	7,4 até 14,7

E) O último passe

O último passe é a “última acção de jogo que antecede o remate e o golo ” (Doucet, 2002). Pode ser um cruzamento, um desvio, passes longos... Segundo o autor, 70 % dos golos provêm do “último passe”.

F) Golos através de livres

Segundo o autor, os livres originam +/- 30 % dos golos marcados. Verificamos por exemplo no quadro 6, que 8,1 a 15 % dos golos marcados provêm de pontapés de canto.

Quadro 6 – Percentagem de golos marcados segundo o tipo de livre

Tipo de Acção	Percentagem (%) de golos marcados
Penalties	5,8 até 10,7
Pontapé de Canto	8,1 até 15
Canto	5,2 até 10,3
Lançamento Lateral	0 até 2,9
Total	26,5 até 40,7

O autor (Doucet, 2002) acaba esta análise por alguns comentários sobre os principais factores de eficácia no processo ofensivo:

- Uma equipa realiza entre 5 e 25 A.O.F e marcam em média 1,5 golos por jogo;

- A eficácia das A.O que se concretizam por um golo representa uma média de 0,6 da totalidade das acções ofensivas realizadas pela equipa. Uma equipa necessita em média de 150 acções ofensivas para marcar uma vez;
- A média do número de remates é mais importante após um passe (contra-ataque rápido, passe longo, livre);
- Uma equipa que ganhe remata em média 14 vezes por jogo.

O autor acaba por referir que “a procura da melhor diferença de golos numa época é um indicador de sucesso”.

Mombaerts (1991), refere que “a eficácia elevada da acção ofensiva resulta de acções (ofensivas) curtas de 0 a 4 passes”.

Se consideramos todas as acções ofensivas finalizadas com ou sem golo, Castelo (1994) aponta como sendo 7, o número médio de jogadores que intervêm directamente sobre a bola.

Oliveira L. (1996) no seu trabalho monográfico, constituído por equipas de dois níveis de competição diferenciados de nível superior (com selecções nacionais de topo) e equipas de nível inferior (equipa abaixo do quinto lugar do campeonato nacional da época 95/96), os resultados obtidos pelas equipas foram os seguintes:

- Nas equipas de nível superior, 4,7 foi o número médio de jogadores que intervieram durante as A.O.F (Acções ofensivas finalizadas) com ou sem golo;
- Relativamente às equipas de nível inferior, 4,2 foi o número médio de jogadores que intervieram durante as A.O.F (Acções ofensivas finalizadas) com ou sem golo;

Nos dezasseis jogos observados pelo Futebol Clube do Porto na época 93/94, onde foram analisadas 207 acções ofensivas por Lopes,D. (1994), o número médio de jogadores que intervêm directamente sobre a bola, nas A.O.F, dá ideia que o F.C Porto utiliza frequentemente acções ofensivas, realizadas através de 2 (27 %) e de 3 (20 %) elementos. As A.O.F com remate, onde intervêm mais do que 5 elementos, atingem unicamente 14,4 % do total das A.O.

Segundo Ferreira, J. citado por Pinto, J e Garganta, J. (1989), as acções ofensivas a 2 ou 3 jogadores no ataque constituem os modelos de jogo ofensivo das grandes equipas de futebol.

Garganta,J. e al (1995), constataram também, que todas as acções ofensivas que terminaram em golo envolveram 3 ou menos jogadores.

Quarteu, L. (1996) citado por Cunha, V. (1997), num estudo realizado sobre as equipas que atingiram os quatro primeiros lugares da fase final do campeonato do Mundo de 1994, verificou uns valores médios de 4 a 6 jogadores que intervieram directamente com a bola nas A.O.F com golo.

Mesquita, J. (1994), revelou que nas A.O.F com golo, são as acções com 2, 3 e 4 jogadores, as mais frequentes. Além deste aspecto, o autor observou uma média superior de jogadores (6) que participavam directamente nas A.O.F com golo, pelo Barcelona na liga dos Campeões durante a época 1993/1994.

Wrzos (1984), e Mombaerts (1991), refere-nos que acções mais eficazes são construídas por 2 a 3 passes. Talaga (1985) verificou que durante o mundial de 66, as acções com maior eficácia, foram elaboradas com 4 passes. Segundo o mesmo autor (citado por Cardoso, 1998), “à medida que aumentam o número de passes, reduz-se a eficácia das acções de ataque, pela redução do efeito surpresa sobre o adversário”. No entanto Mombaerts (1991), revelou que as acções ofensivas com mais de 10 passes se revelaram igualmente eficazes.

Kartervinci, cit. por Sledziewski, D. e Ksionda, G. (1984), registou no campeonato do mundo de 1978 que as A.O.F (com remate), eram constituídas por 2 a 4 passes (representavam mais de 50 %). Mas, nas A.O.F (com golo), a maior percentagem de golos obtidos englobam acções de 2 a 3 passes (cerca de 32 % do total dos golos marcados).

Cunha, V. (1997) refere-se também ao trabalho de Wrzos, J. (1984), que encontrou para a mesma competição nas situações de remate, acções de 2 a 3 passes (41,8 % do total de remates). As A.O.F (com golo) envolveram poucos passes (3 ou menos).

Bate, R. (1988) citado pelo mesmo, analisou 106 golos no campeonato do mundo de 1982, e constatou que 79 % dos golos marcados foram precedidos por 4 ou menos passes.

Olsen, E. (1988), citado pelo mesmo autor, verificou que a maior frequência de golos, no campeonato do mundo de 1986 (não contabilizou os golos de penalty no seu estudo), englobava de 1 a 2 passes (cerca de 45 %). No mesmo sentido, Bates citado por Dufour, W. (1990), para o mesmo campeonato, registou que 80 % dos golos foram marcados em 4 passes.

Vamos de seguida apresentar o quadro 7, o referencial da revisão bibliográfica sobre a finalização.

Quadro 7 – Referencial da revisão bibliográfica sobre a Finalização

Autor	Ano	Amostra	Resultado
Castelo, J.	1994		O futebol só atinge uma percentagem de eficácia de 1,5 % a 2 % do total das A.O
Gréhaigne	1992	Jogos do Mundial 1986	Observou uma média de 110 acções ofensivas
Castelo	1994	Jogos dos Mundiais 82,86 e 90.	Encontrou o valor médio de 135 ataques por jogo
Gréhaigne	1992		Aproximadamente 1% da totalidade das situações de jogo (bolas jogadas por uma equipa) acabavam com um golo.
Wrzos	1984	Mundiais de 78 e 82	A eficácia das acções ofensivas anda próxima dos 11%, apresentando um valor de 11,2% para o mundial realizado na Argentina, e de 11,6% para o mundial efectuado na Espanha.)
Gréhaigne	1992	Mundial de 1986.	Encontrou um valor de 10% de eficácia.
Mombaerts	1991	Europeu 88	A média de golos obtida apontava para 1 golo, por cada 10 ou 11 remates efectuados (10 % de eficácia).
Doucet	2002	Matra Racing – 1985/1987 Euro 88 Europeu 87 – Juvenis Euro 92 Seleção de França – 1987 AS Cannes 99/2000 AS Monaco - 1988/1990	Uma equipa realiza entre 5 e 25 A.O.F e marcam em média 1,5 golos por jogo; Uma equipa que ganhe, remata em média 14 vezes por jogo.
Mombaerts	1991	Auxerre 1989/1990	A eficácia elevada da acção ofensiva resulta de acções (ofensivas) curtas de 0 a 4 passes".
Castelo	1994		Aponta como sendo 7, o número médio de jogadores que intervêm directamente sobre a bola, nas acções ofensivas finalizadas.
Sledziewski,D. e Ksionda,G.	1984	Mundial 1978	Registou que as A.O.F (com remate) eram constituídas por 2 a 4 passes (representavam mais de 50 %). Nas A.O.F (com golo), a maior percentagem de golos obtidos englobam acções de 2 a 3 passes (cerca de 32 % do total dos golos marcados).
Oliveira L.	1996	Equipas de dois níveis de competição diferenciados de nível superior (com selecções nacionais de topo) e equipas de nível inferior (equipa abaixo do quinto lugar do campeonato nacional da época 95/96)	Nas equipas de nível superior, 4,7 foi o número médio de jogadores que intervieram durante as A.O.F (Acções ofensivas finalizadas) com ou sem golo; Relativamente às equipas de nível inferior, 4,2 foi o número médio de jogadores que intervieram durante as A.O.F (Acções ofensivas finalizadas) com ou sem golo;
Lopes,D.	1994	Observou dezasseis jogos do	O número médio de jogadores, que intervêm directamente sobre a bola nas A.O.F, são

		Futebol Clube do Porto na época 93/94, onde foram analisadas 207 acções ofensivas	realizadas através de 2 (27 %) e de 3 (20 %) elementos. As A.O.F com remate, onde intervêm mais do que 5 elementos, atingem unicamente 14,4 % do total das A.O.
Ferreira, J. citado por Pinto, J e Garganta, J.	1989		As acções ofensivas a 2 ou 3 jogadores no ataque constituem os modelos de jogo ofensivo das grandes equipas de futebol.
Garganta, J. e al	1995		Constataram que todas as acções ofensivas que terminaram em golo envolveram 3 ou menos jogadores.
Quarteu, L. (1996) citado por Cunha, V.	1997	Estudo realizado sobre as equipas que atingiram os quatro primeiros lugares da fase final do campeonato do Mundo de 1994	Verificou uns valores médios de 4 a 6 jogadores que intervieram directamente com a bola.
Mesquita, J.	1994	Barcelona na liga dos Campeões durante a época 1993/1994	Revelou que nas A.O.F com golo, são as acções com 2, 3 e 4 jogadores, as mais frequentes. Além deste aspecto, o autor observou uma média superior de jogadores (6) que participavam directamente nas A.O.F com golo.
Wrzos	1984		As acções mais eficazes são construídas por 2 a 3 passes.
Mombaerts	1991	Auxerre 1989/1990	
Talaga	1985	Mundial de 66	As acções com maior eficácia foram elaboradas com 4 passes.
Mombaerts	1991	Cannes 1989/1990	Revelou que as acções ofensivas com mais de 10 passes se revelaram igualmente eficazes.
Wrzos, J	1984	Mundial 66	Verificou que as A.O.F com remate eram precedidas de acções de 2 a 3 passes (41,8 % do total de remates). As A.O.F (com golo) envolveram poucos passes (3 ou menos).
Bate, R.	1988	Analisou 106 golos no campeonato do mundo de 1982	Constatou que 79 % dos golos marcados forma precedidos por 4 ou menos passes.
Olsen, E.	1988	Mundial 86 (não contabilizou os golos de penalty no seu estudo)	Observou que a maior frequência de golos, englobava de 1 a 2 passes (cerca de 45 %).
Bates citado por Dufour, W.	1990	Mundial 86	Registou que 80 % dos golos foram marcados em 4 passes.

7. Objectivos e hipóteses

7.1 Objectivo Geral

O objectivo geral do nosso estudo foi caracterizar quatro temas de observação referidos anteriormente (ocupação do espaço, circuitos preferenciais, os duelos e a finalização), afim de descrever e diferenciar ou não duas equipas de alto nível.

7.2 Objectivos Específicos

7.2.1 Ocupação do espaço:

- Determinar a posição média de todos os jogadores que jogaram pelo menos quarenta e cinco minutos nos jogos observados;
- Determinar a ocupação do espaço do bloco equipa para cada jogo efectuado;

7.2.2 Circuitos preferenciais:

- Determinar (ver metodologia) os circuitos preferenciais da circulação da bola, de cada equipa;
- Determinar o número médio de passes por A.O;
- Determinar o número médio de jogadores envolvidos nas A.O;

7.2.3 Objectivos para os duelos:

- Calcular a percentagem de duelos ganhos e perdidos em cada sector de jogo;
- Calcular a percentagem geral entre os duelos ganhos e perdidos;
- Calcular a percentagem de duelos efectuados com o pé (D.P) e com a cabeça (D.C);
- Calcular a percentagem de duelos ganhos com o pé (D.G.P) e com a cabeça (D.G.C);
- Calcular a percentagem de duelos perdidos com o pé (D.P.P) e com a cabeça (D.P.C).

7.2.4 Objectivos para a finalização:

- Identificar as Z.I.A.O e as Z.T.A.O finalizadas com remate ou com golo;
- Calcular o número médio de passes por A.O.F com remate ou em golo.
- Determinar o número médio de jogadores que participam nas A.O.F com remate;
- Determinar o número médio de jogadores que participam nas A.O.F com golo;

7.3 Hipóteses

Apesar de se tratar de um trabalho descritivo, podemos antecipar algumas hipóteses.

É importante afirmar que a Equipa A e a Equipa B fazem parte das melhores equipas portuguesas. Esperamos então que a Equipa A e a Equipa B:

Ocupação do espaço:

- Sejam constituídos por jogadores (médios e atacantes) que ocupam os sectores ofensivos quando entram em contacto com a bola;

Circuito(s) preferencial(ias):

- Mostrem uma grande variabilidade de circuitos preferenciais da bola;
- Efectuem uma média de passe por A.O entre $2,63 \pm 0,68$ e $3,04 \pm 0,41$ (segundo Cunha, 1997);
- Construam A.O com uma média, aproximadamente, de 7 de jogadores (de acordo com Castelo, 1994), a intervirem directamente com a bola;
- Construam Ataques rápidos.
- Direcționam predominantemente os passes para a frente. (de acordo com Wrzos (1984), que considera que os passes são realizados preferencialmente para a frente.

Duelos:

- Apresentem um balanço positivo (colectivo) entre os duelos ganhos e os perdidos;
- Conseguem obter um balanço positivo geral entre os duelos ganhos e perdidos;
- Ganham os duelos nos sectores defensivos do campo;
- Não perdem os duelos no S.P.O;

Finalização:

- Rematem em média (aproximadamente) 14 vezes por jogo (Doucet, 2002);
- Consigam obter uma eficácia (aproximadamente) de 16,21% (Doucet, 2002);
- Rematem na maior parte das A.O (73,5 % segundo o estudo de Doucet, 2002), com A.O inferiores a 3 passes;
- Marquem em média, 2,29 (Doucet, 2002) golos por jogo.

8. Material e métodos

8.1 Amostra

Foram observados cinco jogos da Equipa A e cinco jogos da Equipa B na Superliga (Equipa A e Equipa B), na liga dos campeões (Equipa A) e a taça UEFA (Equipa B) na época 2004/2005. Decidimos observar jogos de diferentes competições, pelo facto de estarmos dependentes das transmissões televisivas, e não ser possível observar jogos só de uma competição, em número suficiente.

Vamos de seguida referir alguns números sobre a observação que foi realizada, onde foram analisados:

- 3792 passes (Equipa A - 1520 e Equipa B - 2272);
- 1253 A.O (Equipa A - 588 e Equipa B - 665);
- 138 remates (Equipa A – 58 e Equipa B - 74);
- 1678 duelos (Equipa A - 805 e Equipa B - 873).

No quadro 8, são apresentados os diferentes jogos observados com os respectivos resultados:

Quadro 8 – Jogos observados

Equipa A	Equipa B
<i><u>Jogo 1:</u></i> Equipa Portuguesa 1 – Equipa A 2	<i><u>Jogo 6:</u></i> Equipa Portuguesa 1 – Equipa B 0
<i><u>Jogo 2:</u></i> Equipa A 1 – Equipa Estrangeira 1	<i><u>Jogo 7:</u></i> Equipa B 0 – Equipa Portuguesa 2
<i><u>Jogo 3:</u></i> Equipa Estrangeira 3 – Equipa A 1	<i><u>Jogo 8:</u></i> Equipa B 2 - Equipa A 0
<i><u>Jogo 4:</u></i> Equipa B 2 – Equipa A 0	<i><u>Jogo 9:</u></i> Equipa Estrangeira 1 – Equipa B 0
<i><u>Jogo 5:</u></i> Equipa A 1 – Equipa Portuguesa 0	<i><u>Jogo 10:</u></i> Equipa B 1 – Equipa Estrangeira 0

8.2 Metodologia

8.2.1 Método de procedimento

Os métodos que utilizamos para a obtenção dos dados foram os seguintes:

- Pesquisa Bibliográfica;
- Pesquisa documental;
- Observação sistemática e diferida, a partir de imagens vídeogravadas.

8.2.2 Técnicas de observação

Para o nosso trabalho não foi possível recolher as directivas dos treinadores das Equipas A e Equipa B antes dos jogos. Limitamos então a observar unicamente as ocorrências dentro do campo.

Segundo Mombaerts (1991), num processo de observação de equipas, temos que respeitar diferentes etapas:

- Elaboração de uma grelha de observação;
- Recolha dos dados;
- Tratamento dos dados;
- Análise;
- Apresentação e informação sobre as equipas observadas.

Elaboramos uma grelha de observação para recolher dados acerca das variáveis que seleccionamos. Visualizamos cinco a seis vezes cada jogo para observarmos todas as variáveis incluídas na grelha de observação.

8.2.3 Procedimentos estatísticos

O tratamento dos dados assentou na determinação dos valores de percentagens.

8.2.4 Material utilizado

- Televisão;

- Vídeo;
- Fichas de observação.

8.2.5 Protocolo de Observação

Como já foi referenciado anteriormente, cada jogo foi observado pelo menos cinco vezes, e cada variável de observação foi visionada pelo menos duas vezes, com o objectivo de diminuir ao mínimo as fontes de erro. Para clarificarmos a metodologia utilizada na recolha dos dados, iremos definir as variáveis de observação (e as respectivas abreviaturas) no quadro 9, e enquadrar sob forma explicativa, os diferentes itens da grelha de observação.

Quadro 9 - Abreviaturas das variáveis de observação

Variáveis	Abreviaturas
Acção Ofensiva	A.O
Acção Ofensiva Finalizada (com ou sem golo)	A.O.F
Número de jogadores	NJ
Número médio de jogadores	NMJ
Acção ofensiva finalizada	A.O.F
Zona onde iniciou a acção ofensiva	Z.I.A.O
Zona onde terminou a acção ofensiva	Z.T.A.O
Sector defensivo	S.D
Sector pré-defensivo	S.P.D
Sector pré-ofensivo	S.P.O
Sector Ofensivo	S.O
Corredor 1	C1
Corredor 2	C2
Corredor 3	C3
Corredor 4	C4
Duelos ganhos	D.G
Duelos Perdidos	D.P
Duelos ganhos com o pé	D.G.P
Duelos ganhos com a cabeça	D.G.C
Duelos perdidos com o pé	D.P.P
Duelos perdidos com a cabeça	D.P.C

Definições Terminológicas:

- O passe: entendemos por passe a “acção técnico- tático de relação de comunicação material (a bola) estabelecida entre dois jogadores da mesma equipa, sendo portanto, a acção de relação colectiva mais simples de observar e executar” (J. Castelo 1996).
- O remate: entendemos por remate, “toda a acção técnico- tático exercida pelo jogador sobre a bola, com o objectivo de a introduzir na baliza adversária” (J. Castelo 1996).
- O duelo: acção de jogo, em que o jogador está em luta directa com o adversário para recuperar ou manter a posse de bola (Benedek, 1984).
- O desarme: entendemos por desarme, o gesto técnico - tático efectuado pelo defesa que procura intervir sobre a bola , na luta directa com o atacante que a detém, respeitando às leis do jogo (Castelo ,1996).
- Sistema de jogo: “conjunto de métodos, de processos destinado a produzir um resultado. Modo de organização para repartir as forças e distribuir os papéis” (Alain Laurier 1989).
- Dispositivo: “é o plano de ocupação no terreno que permite a repartição das tarefas pelos jogadores” (Théodoresco, 1996).
- Estratégia: “é o plano tático especial elaborado para cada jogo segundo as particularidades de jogo da equipa adversária” (Théodoresco, 1996).

Definição dos indicadores:

Acção Ofensiva (A.O): constituída por uma ou várias acções individuais. Surge cada vez que a equipa em observação está com posse de bola.

Considera-se que a A.O se inicia quando um dos jogadores da equipa conquista a posse de bola⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Considera-se que um jogador está de posse de bola quando respeita uma das seguintes situações (Garganta, 1997):

- Realiza pelo menos três contactos consecutivos com a bola;
- Executa um passe positivo (que permite manter a posse de bola);
- Realiza um remate (finalização).

A A.O termina nas seguintes condições:

- A bola é interceptada pelo adversário;
- A bola sai da área de jogo;
- A A.O é interrompida por uma falta;

O campograma encontra-se em anexo 1, onde foram realizadas as observações.

8.2.5.1 Fiabilidade da observação

A determinação da fiabilidade da observação é uma das regras que devem ser respeitadas, na elaboração de um trabalho de cariz científico. Desta forma, para verificarmos a fiabilidade intra-observadores, comparam-se os dados retirados em duas observações do mesmo jogo. Estas observações foram feitas realizadas com um intervalo de três semanas pelo mesmo observador. Os resultados encontram-se no quadro 10.

A fiabilidade intra-observadora foi apurada com base na relação percentual entre o número de acordos e desacordos encontrados, segundo a fórmula utilizada por Heins e Zender (1956) e Bellack et al. (1966).

$$\% \text{ acordos} = \frac{\text{n}^{\circ} \text{ acordos}}{\text{n}^{\circ} \text{ acordos} + \text{n}^{\circ} \text{ desacordos}} \times 100$$

A fidelidade foi atestada pelas percentagens registadas, com todos os valores acima do valor limite de 85 %, tal como exposto no quadro 10.

Quadro 10 - Percentagens de acordos intra-observador registadas para as variáveis em estudo

Variáveis Observadas	% acordos intra-observador
Z.T.A.O	100 %
Z.I.A.O	100 %
NJ nas A.O.F com remate	98,38 %
A.O.F	94,12 %
D.G	88,37 %
D.P	88,89 %
PF (passes para frente)	96,35 %
PL (passes laterais)	89,63 %
PT (passes para trás)	92,78 %

8.2.5.2 Estudo da Ocupação do espaço e Circuitos preferenciais

Relativamente à colocação média dos jogadores, vamos utilizar o “campograma”, que permite indicar a zona do campo, onde o jogador toca, perde ou recupera a bola (ver anexo 2). Cada vez que o jogador (qualquer jogador da equipa observada) toca na bola, marcamos um ponto no respectivo local na ficha de observação. Determinamos assim a posição média dos jogadores no local onde aparecem mais pontos. Acrescentaremos setas para indicar os locais do campo utilizados com maior frequência, pelo jogador, afim de mostrar os outros locais onde o jogador evoluiu de forma consequente. É importante referir que a colocação média do jogador no campograma, será efectuada de forma subjectiva, já que não nos foi possível utilizar um programa informático para poder definir de forma exacta, a posição média dos jogadores. Julgamos importante referir que só aparecem no esquema, os jogadores que completaram pelo menos quarenta e cinco minutos em campo, sendo possível aparecer menos ou mais jogadores que os habituais onze jogadores que iniciam a partida.

Após colocar os jogadores, pela sua posição média, tentamos estabelecer os circuitos preferenciais para as acções ofensivas.

Um circuito preferencial é uma relação através de passes entre dois jogadores que se produz pelo menos uma vez durante o jogo.

Relativamente à circulação de bola, fomos inspirados por Dugrand (dossier E.P.S, nº17), que considera estas relações entre jogadores como “uma ficha de circulação da bola”. Consiste registar a sucessão dos jogadores que tocam na bola (ver anexo 3).

A partir daqui, contabilizamos o número total de passes entre jogadores e determinamos o sentido dos passes (Se houver uma diferença muito significativa (pelo menos três passes a mais em direcção a um jogador). Este tipo de recolha permite determinar os estatutos dominantes numa equipa.

Ex: Se existem 20 passes entre o número 5 e o número 6, temos que verificar se existiram mais passes no sentido do nº5 para o nº6 ou no sentido inverso. Isso com o objectivo de definir o sentido em que os passes foram mais frequentes entre os dois jogadores. Mas, caso a diferença entre os passes feitos em direcção do nº5 ou do nº6 ser inferior a três passes, então a relação será apresentada com uma seta com duplo sentido ($\longleftrightarrow$).

Mombaerts (1991) classificou as relações entre os jogadores da mesma equipa, contabilizando o número de passes entre esses mesmos jogadores (relações fortes: mais de que 10 passes; Relações secundárias: entre 5 e 10 passes). Mas, após a observação de dois jogos (afim de experimentar se esses critérios funcionavam) verificamos que as relações entre jogadores com mais de 10 passes entre si eram muito frequentes, e tornava os esquemas confusos. Por isso, tentamos adaptar o modelo do autor para definir de uma forma mais marcada as relações entre os jogadores da mesma equipa. Assim definimos os seguintes critérios:

- Relações determinantes: mais do que 15 passes 
- Relações fortes: de 10 a 15 passes 
- Relações médias: de 5 a 9 passes 
- Relações fracas: menos de 5 passes (Não aparece qualquer traço no esquema).

Os resultados serão transcritos, então, por setas, que corresponderão ao grau de relação entre jogadores, segundo o número de passes entre eles.

De forma resumida podemos considerar uma “relação” como o nível de entendimento entre dois jogadores medido através do número de passes feitos entre os dois.

Os jogadores, como já referimos, estarão colocados nas suas posições preferenciais (posição média em que o jogador mais vezes tocou na bola), o que permitirá estabelecer o “esqueleto” da equipa.

Será também contabilizado:

- O número total de passes (bem sucedidos);
- O número total de A.O;
- O número médio de passes por A.O.

8.2.5.3 Estudo dos duelos

Iremos analisar os duelos ganhos e perdidos, fazendo um balanço por sectores de jogo. Tentaremos destacar também os resultados dos diferentes tipos de duelos.

Determinamos dois tipos de duelos (ver anexo 2):

1. Os duelos com o pé: quando o jogador utiliza qualquer parte do corpo, exceptuando a cabeça, na realização do duelo.
2. Os duelos de cabeça: quando um jogador utiliza unicamente a cabeça na realização de um duelo.

Abreviaturas:

- DGP: duelos ganhos com pé;
- DGC: duelos ganhos com cabeça;
- DPP: duelos perdidos com pé;
- DPC: duelos perdidos com cabeça;

8.2.5.4 Estudo da finalização

Nesta terceira parte da observação, iremos analisar as A.O (ver anexo 3, 8 e 9) que integram A.O.F com remate (e golo) para recolher os seguintes dados:

- Número médio de passes feitos nas A.O.F com remate;
- Número total de remates e número médio de remates por jogo;
- Número médio de passes que antecedem as A.O.F;
- Número médio de jogadores que participam nas A.O.F;
- As Z.I.A.O.F;

- As Z.T.A.O.F;
- Percentagem de eficácia por A.O (número de remates / número de golos).

9. Apresentação e discussão dos resultados

A apresentação e discussão dos resultados das duas equipas observadas será organizada em três partes:

- Ocupação do espaço e circuito (s) preferencial (iais);
- Os duelos;
- A finalização.

9.1 Ocupação do Espaço e circuitos (s) preferencial (ias) da bola

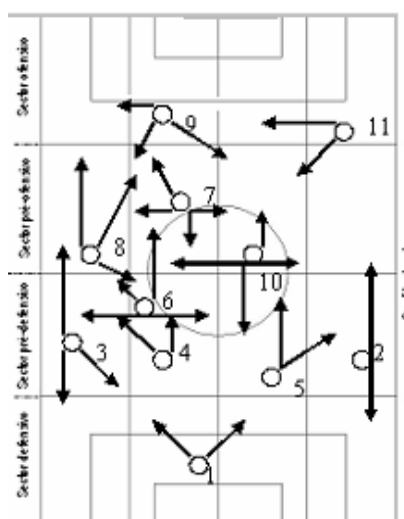
Apresentaremos cinco esquemas para cada equipa observada (que representa os dez jogos observados) e para cada um dos temas referidos de seguida:

- Ocupação do espaço;
- Posição e deslocamento médio dos jogadores;
- Relações médias e fracas entre jogadores;
- Relações fortes e determinantes entre jogadores

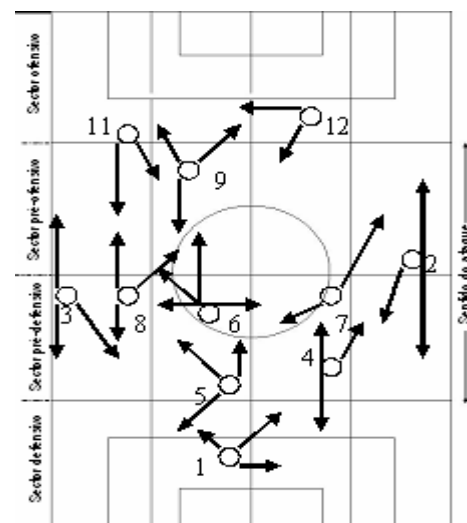
9.1.1 Ocupação do Espaço - Equipa A

Como podemos verificar nos esquemas 1,3 e 5, metade dos jogadores de campo têm uma posição média, no meio campo ofensivo, o que pode significar que os jogadores pressionam e desmarcam-se de forma “alta” (mais avançada em direcção à baliza contrária) no terreno. É notório a forma como os jogadores tenham tendência a evoluir preferencialmente no lado esquerdo do campo (C1 e C2), que é evidenciado nos esquemas 1,2,3 e 4. Notamos em particular, uma actividade maior no corredor 2 (C2) por parte dos jogadores, evidenciado nos esquemas 1,2 e 3. Verifica-se ainda que os jogadores entram em contacto com a bola preferencialmente no S.P.D (sector pré-defensivo) ou na entrada (no sentido do ataque) do S.P.O (sector pré-ofensivo). É demonstrada uma falta de apoio aos atacantes onde os médios se encontram relativamente distante (esquema 2 e 4).

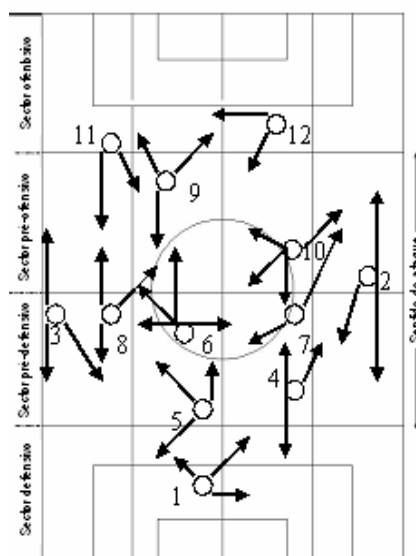
Ocupação do espaço Equipa A



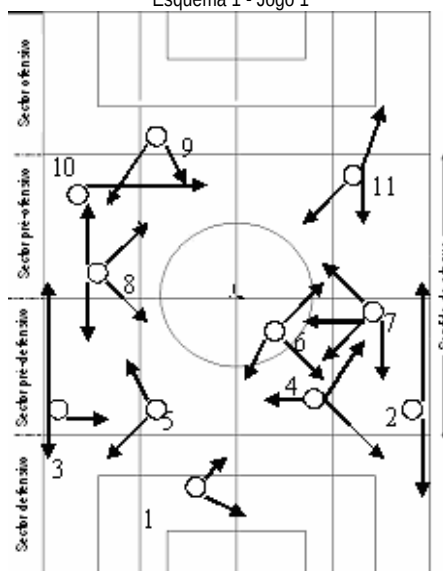
Esquema 1 - Jogo 1



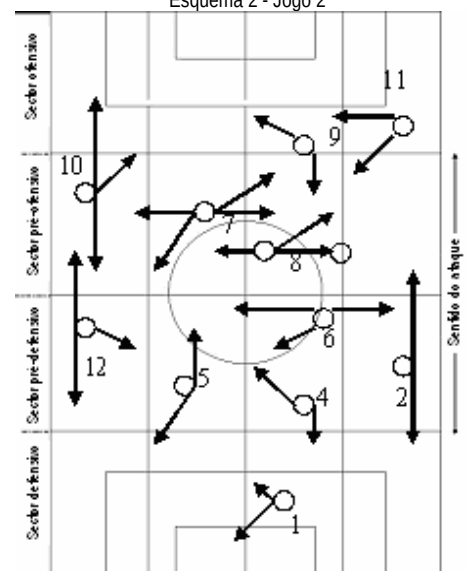
Esquema 2 - Jogo 2



Esquema 3 - Jogo 3



Esquema 4 - Jogo 4



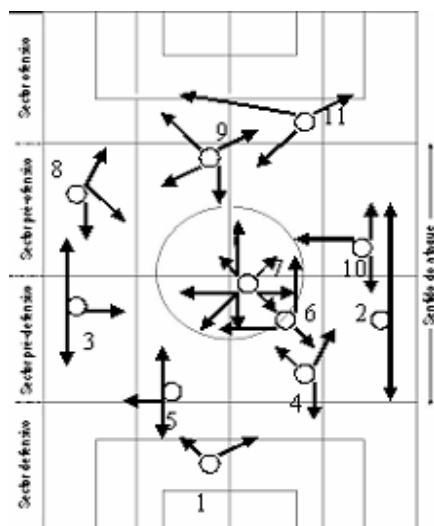
Esquema 5 - Jogo 5

9.1.2 Ocupação do Espaço - Equipa B

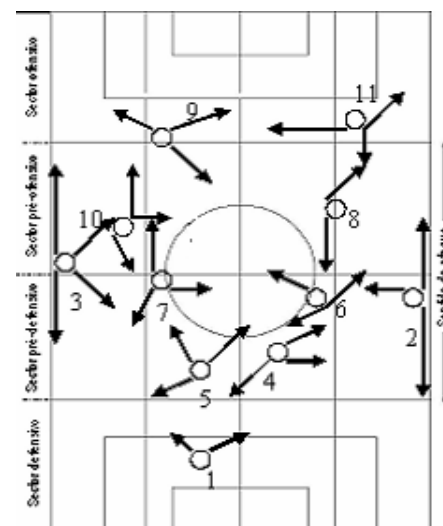
Os jogadores da equipa B evoluíam de forma mais alta (mais avançada no sentido do ataque) no campo, que a equipa A, com posições altas no S.P.D e o S.P.O (esquema 8, 9 e 10).

Denota-se uma atitude mais ofensiva. Esta ideia é reforçada se observamos os médios que se encontram frequentemente no sector pré-ofensivo (esquema 7, 8, 9 e 10). Podemos ainda observar que os laterais evoluíam praticamente na mesma linha que os médios da mesma equipa. Os jogadores ocupam o terreno de forma mais harmoniosa que a equipa A.

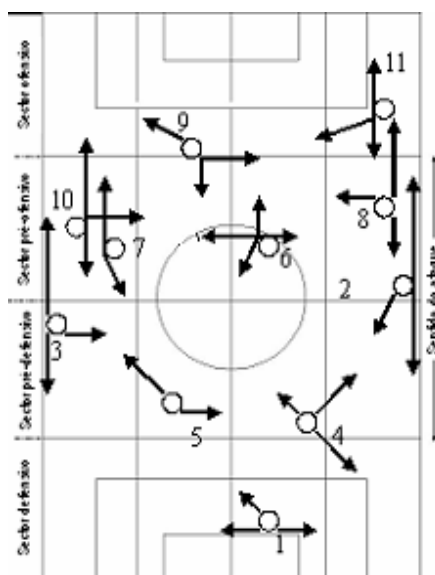
Ocupação do espaço Equipa B



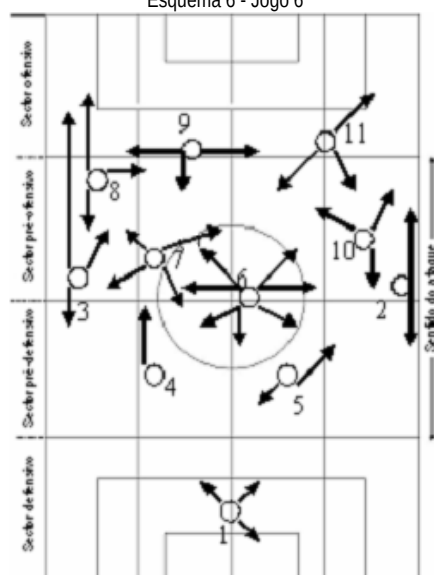
Esquema 6 - Jogo 6



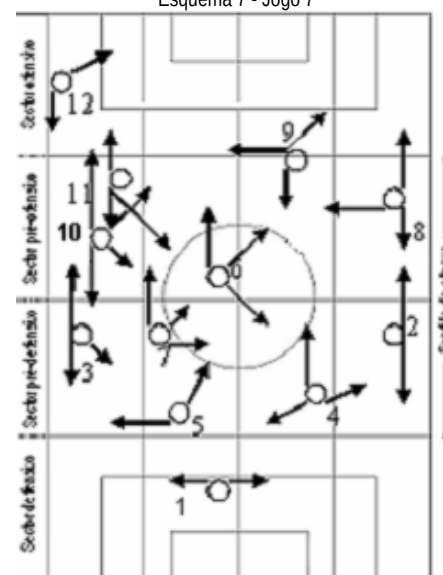
Esquema 7 - Jogo 7



Esquema 8 - Jogo 8



Esquema 9 - Jogo 9

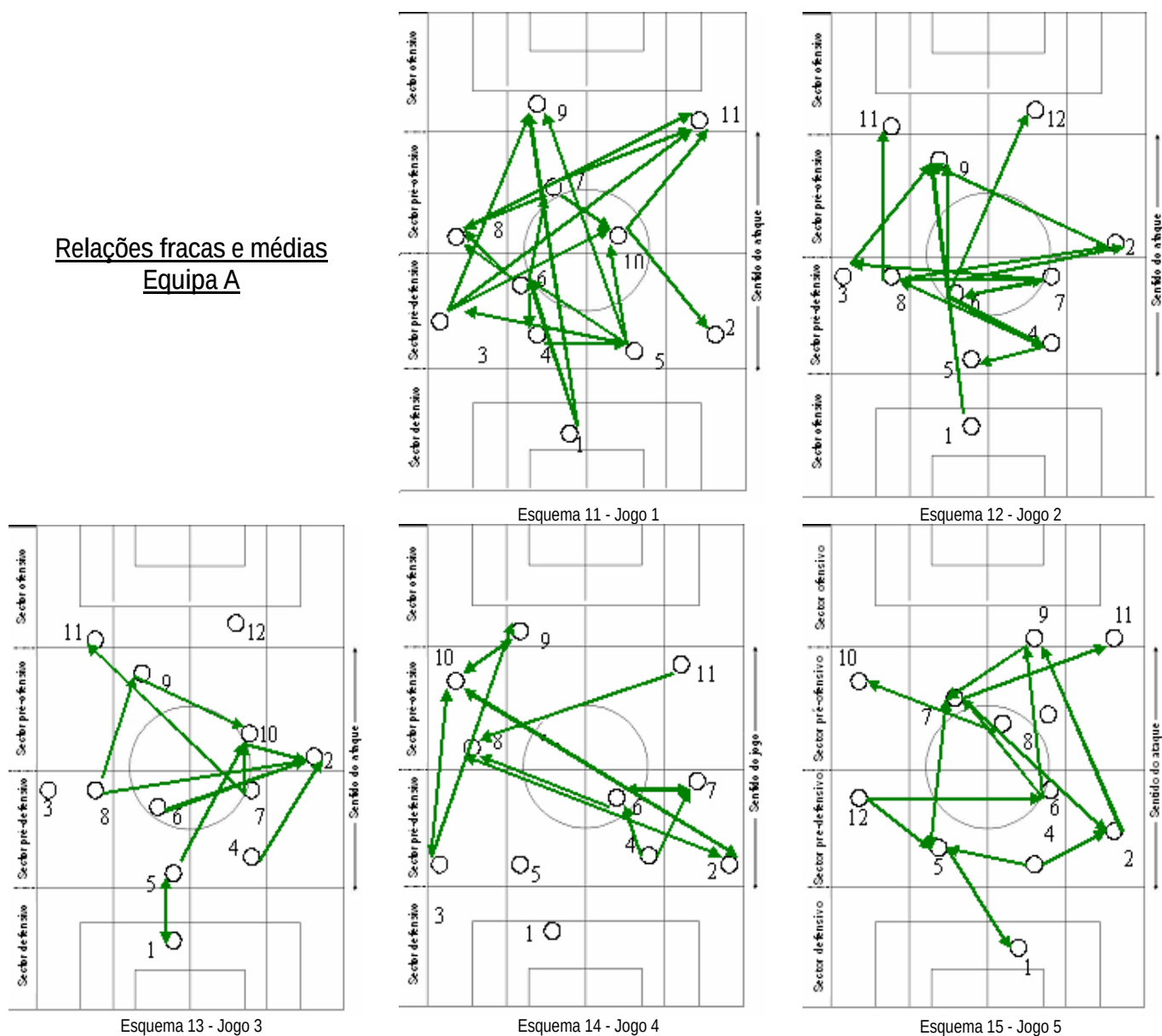


Esquema 10 - Jogo 10

9.1.3 Relações fracas e médias – Equipa A

Na equipa A, existe uma boa densidade de relações médias com três médios (nº6, nº8 e nº10) e o avançado (nº9) demonstrando uma grande actividade. É de realçar nos diferentes esquemas apresentados (esquema 11, 12, 13, 14 e 15), o facto dos jogadores servirem de lançamento e de apoio às diferentes movimentações da bola. Quase todas as relações médias são realizadas entre jogadores posicionados perto do portador de bola, ou seja, passes curtos. Não parece existir relações constantes ao longo dos jogos observados.

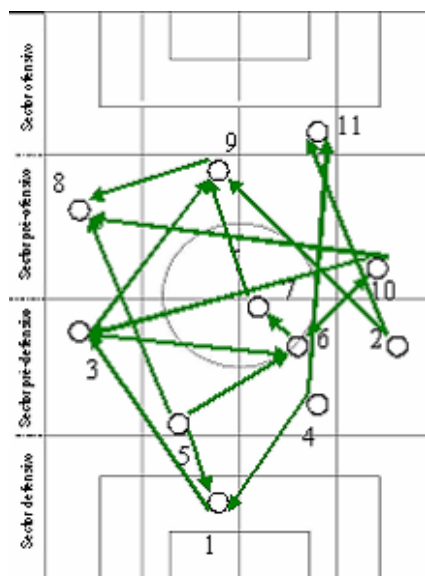
Relações fracas e médias Equipa A



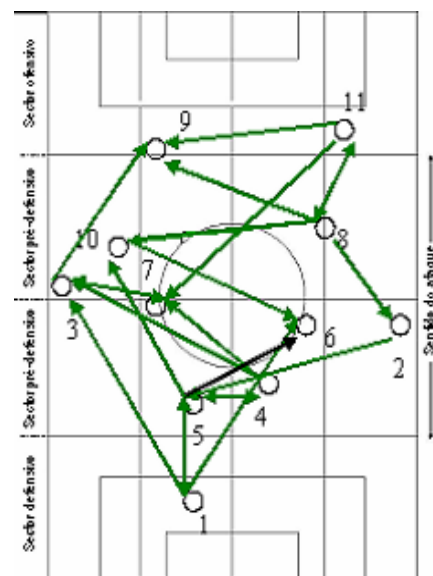
9.1.4 Relações fracas e médias – Equipa B

Relativamente à Equipa B, existe uma grande variedade de relações, em que cada jogador da equipa, tem duas ou três linhas de passe como se pode verificar nos diferentes esquemas (esquema 16, 17, 18, 19 e 20). Todos os jogadores integram duas ou mais relações médias. As relações mantêm-se constantes ao longo dos jogos. O jogo 8 foi o jogo menos conseguido dos cinco jogos observados desta equipa.

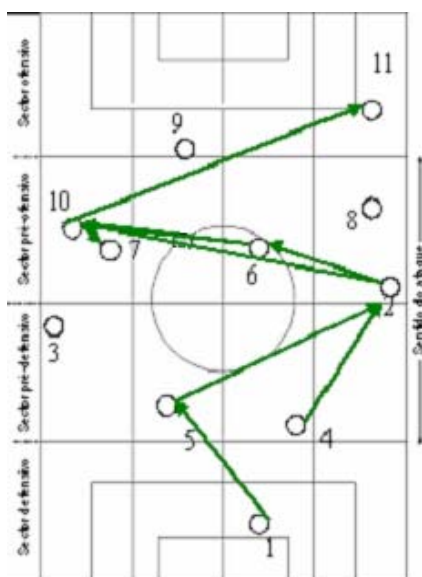
Relações fracas e médias Equipa B



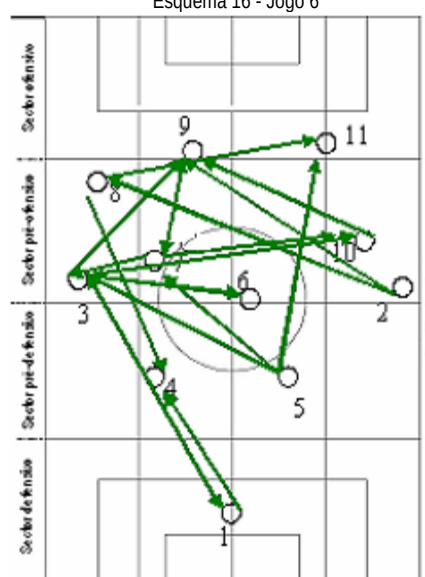
Esquema 16 - Jogo 6



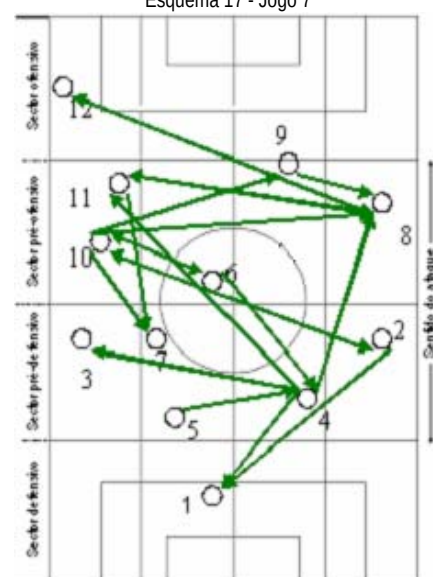
Esquema 17 - Jogo 7



Esquema 18 - Jogo 8



Esquema 19 - Jogo 9

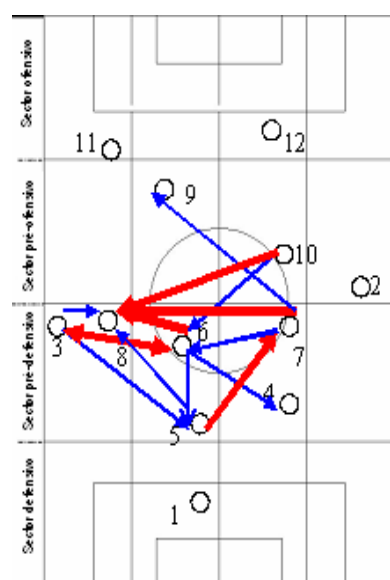


Esquema 20 - Jogo 10

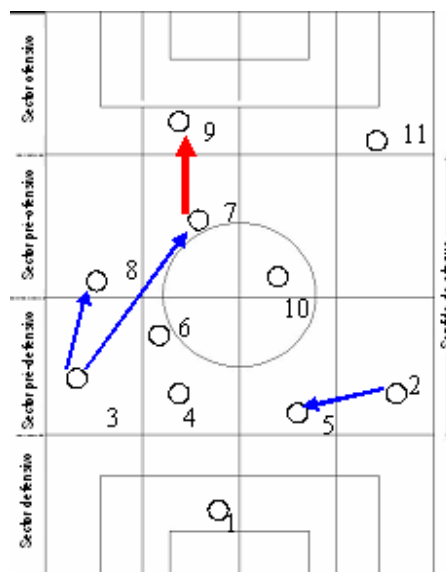
9.1.5 Relações fortes e determinantes – Equipa A

De forma geral (excepto no esquema 23 - jogo 3), a equipa A apresentou poucas relações fortes ou determinantes. Verificamos no esquema 24 (jogo 4), que foi a partida menos produtiva por parte da equipa A, não se registando qualquer relação forte ou determinante. Não se observam circuitos preferenciais constantes da bola ao longo dos diferentes jogos observados. Os jogadores nº3, 6 e 8, são os jogadores mais presentes nessas relações fortes e determinantes. O terceiro jogo foi a partida mais conseguida em termos de densidade de jogo por parte da Equipa A.

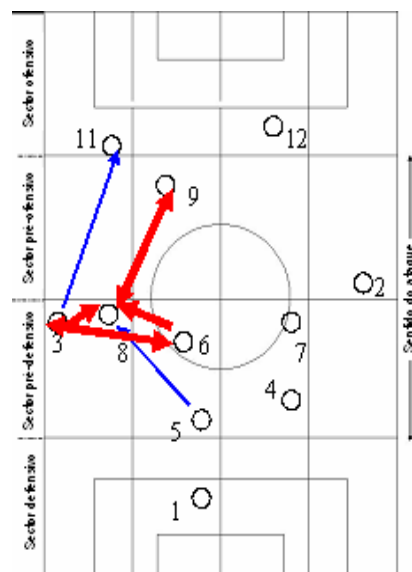
Relações Fortes e determinantes Equipa A



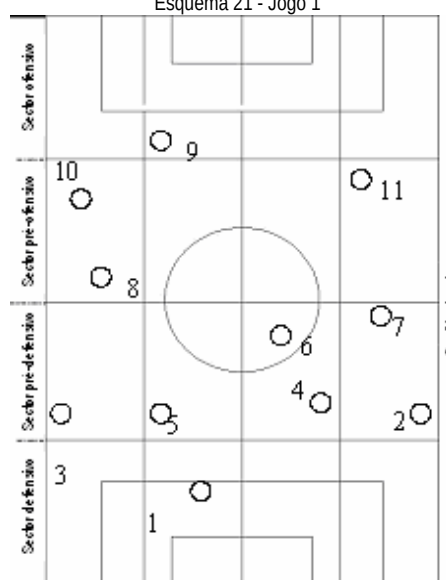
Esquema 23 - Jogo 3



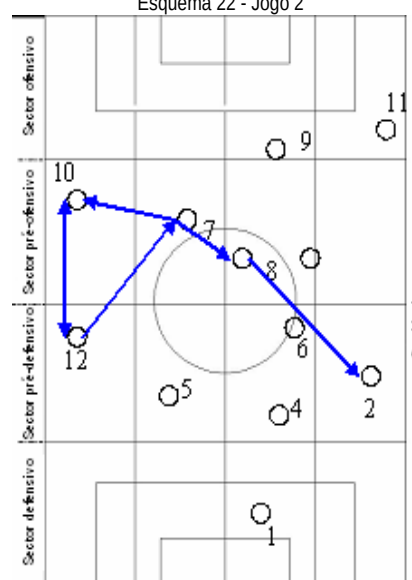
Esquema 21 - Jogo 1



Esquema 22 - Jogo 2



Esquema 24 - Jogo 4



Esquema 25 - Jogo 5

9.1.6 Relações fortes e determinantes – Equipa B

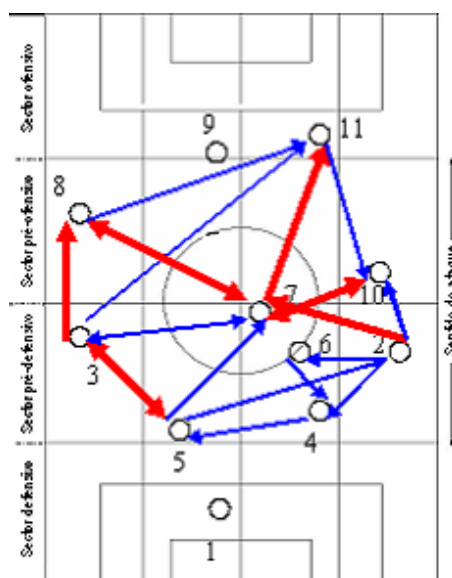
Quanto à equipa B, os dois laterais (nº2 e nº3 que efectuaram todos os jogos observados) da Equipa B estão presentes quer nas relações fortes, quer nas relações determinantes. São dois jogadores muito presentes nos circuitos preferenciais da equipa. O nº7 (quando que esteve presente, no jogo 6 e 9) e o nº6 aparecem como elementos fulcrais na circulação da bola e particularmente na orientação/organização do jogo.

Verificam-se muitas relações determinantes nos corredores laterais. Estes jogadores surgem então como elementos de ligação entre os corredores do lado esquerdo do campo (C1e C2) e os

corredores do lado direito (C3 e C4) como se vê nos esquemas 26, 27, 28, 29 e 30.

No entanto, embora o papel dos referidos jogadores seja relevante, é de salientar a dinâmica colectiva em que todos os elementos da equipa participam de forma activa à circulação da bola, contrariamente ao que acontece com a equipa A. Podemos realçar, por exemplo, o papel fundamental do nº11 (esquema 26 e 27) que foi utilizado como apoio para desenvolver a circulação de bola. O jogo 8 foi o jogo menos conseguido em termos de relações fortes e determinantes.

Relações Fortes e determinantes Equipa B



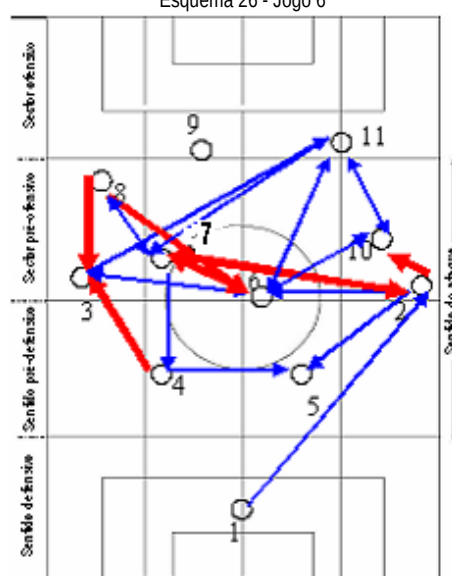
Esquema 26 - Jogo 6



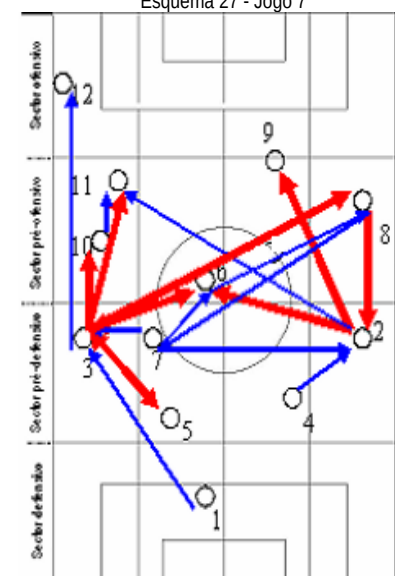
Esquema 27 - Jogo 7



Esquema 28 - Jogo 8



Esquema 29 - Jogo 9



Esquema 30 - Jogo 10

9.1.7 Resultados dos passes

9.1.7.1 Média de passes por A.O

No quadro 11 e na figura 1, são apresentados os resultados do número médio de passes por A.O. (ver quadro de dados – anexo 6 e 7)

Quadro 11 – Média de passes por A.O e Média de jogadores a intervirem

Equipas	Média de passes por A.O	Média de jogadores a intervirem por A.O
Equipa A	2,55	3,55
Equipa B	3,41	4,41

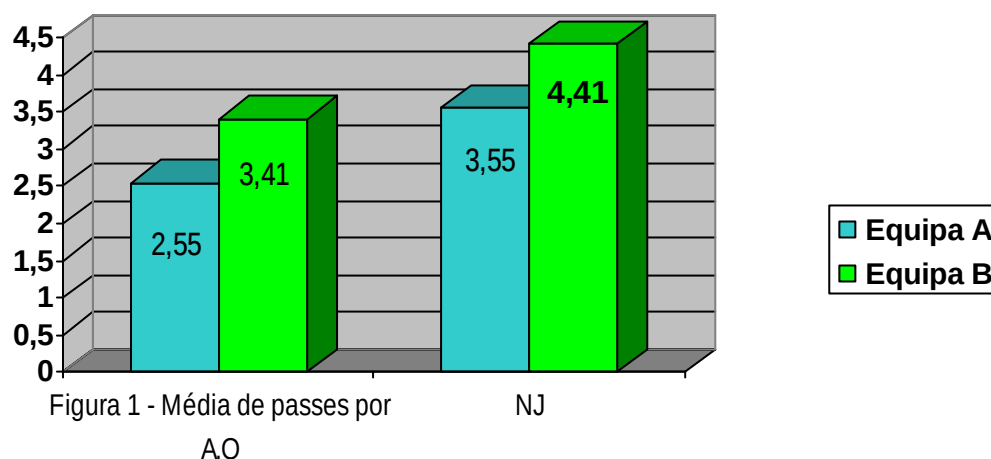


Figura 1 – Média de passes por A.O e Média de jogadores a intervirem

Comparando os valores das duas equipas (ver anexo 4 e 5), podemos observar que a Equipa B possui um valor de número médio de passes por A.O superior (3,41) à Equipa A (2,55). O valor encontrado para a Equipa A corresponde à média verificada por Cunha (1997), onde ele observou que a média de passes por A.O era aproximadamente de $2,63 \pm 0,68$.

Relativamente ao NJ envolvidos nas A.O, a Equipa A (3,55) e a Equipa B (4,41) apresentam valores distantes dos encontrados por Castelo (1994), em que o número médio de jogadores a intervirem directamente com a bola durante a A.O foi de 7 jogadores. Mas os resultados estão próximos do valor encontrado por Cunha (1997), ou seja, $3,04 \pm 0,41$ (em média) jogadores a intervirem nas A.O.

Os resultados obtidos pelas duas equipas traduzem ataques rápidos segundo Castelo (1994). Podemos até referir que a Equipa A, é a formação que se aproxima mais do modelo de jogo de equipa que evoluíam em contra-ataque, com poucos passes e poucos jogadores a intervirem nas A.O.

9.1.7.2 Orientação do jogo

O quadro 12 e a figura 2, representa a percentagem dos passes feitos para a frente, para atrás e para a lado. (ver quadro de dados – anexo 6 e 7)

Quadro 12 – Orientação dos passes

Equipas	% de passes para trás	% de passes laterais	% de passes para a frente
Equipa A	18,39	24,45	57,15
Equipa B	18,93	27,66	53,17

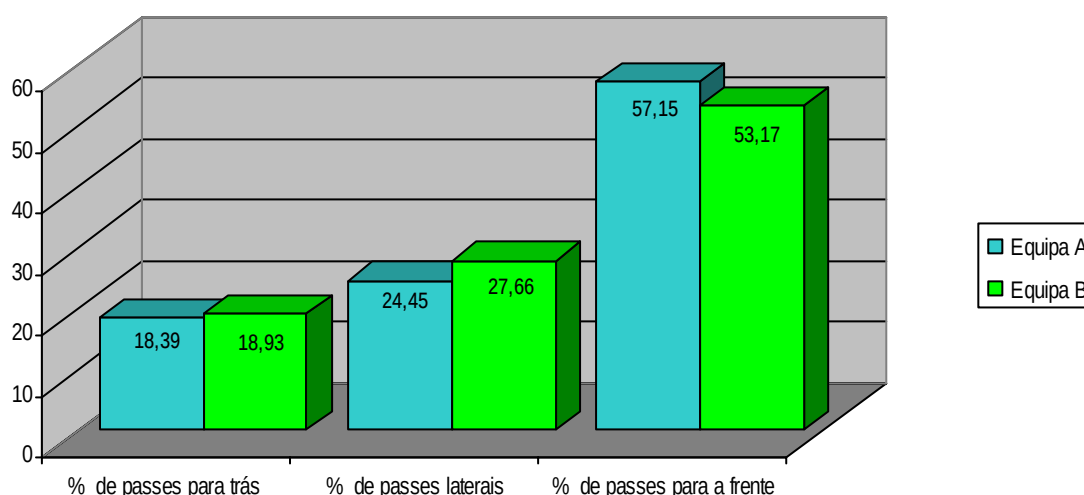


Figura 2 – Orientação do Jogo

Relativamente à orientação dos passes, a Equipa A desmarca-se com 57,15 % de passes direccionados para a frente contra 53,17 % para a Equipa B. Podemos verificar esta tendência ao longo dos diferentes jogos observados das duas equipas (anexo 6 e 7).

No entanto a Equipa B efectua 27,66% de passes laterais contra 24,45 % para a Equipa A. Finalmente, as percentagens são praticamente idênticas para os passes orientados para trás (18,39 % para Equipa A e 18,93 % para a Equipa B). Wrzos (1984) considera que os passes são realizados predominantemente para a frente e estes resultados são a prova disso mesmo.

9.1.7.3 Sistema de jogo

No quadro 13, referimos os sistemas de jogo utilizados (no início do jogo) pelas equipas, nos jogos observados.

Quadro 13 – Sistemas de jogo utilizados

Equipas	Sistema de jogo				
	Jogo 1	Jogo 2	Jogo 3	Jogo 4	Jogo 5
Equipa A	4-2-2	4-2-2	3-5-2	4-2-2	4-3-3
Equipa B	4-1-3-2	4-2-2	4-2-2	4-1-3-2	4-1-3-2

De forma geral, é interessante verificar que nos jogos observados, as equipas evoluíram com sistemas de jogo diferentes. O 4-4-2 foi o sistema de jogo mais utilizado pela Equipa A (em três jogos). A Equipa B utilizou o 4-1-3-2 também por três vezes nos cinco jogos observados.

9.2 Os Duelos

Nesta observação diferenciamos dois tipos de duelos:

1. Os duelos com o pé (toda parte do corpo “legal” tirando a cabeça): DGP (duelos ganhos com o pé) e DPP (duelos perdidos com o pé);
 2. Os duelos de cabeça (unicamente a cabeça): DGC (duelos ganhos com cabeça) e DPC (duelos perdidos com cabeça).
- Realizaremos o balanço dos duelos ganhos e perdidos consoante os sectores de jogo. Vamos observar os duelos relativamente aos sectores de jogo.

De forma geral, os duelos com o pé aparecem nos quatro sectores (defensivo, pré-defensivo, pré-ofensivo e ofensivo) maioritariamente.

9.2.1 Sector Defensivo – Percentagem de duelos ganhos e perdidos

O quadro 14 e a figura 3, é representada a percentagem de duelos ganhos e perdidos no sector defensivo.

Quadro 14 – Duelos ganhos e perdidos no sector defensivo

Equipas	DGP	DGC	DPP	DPC
Equipa A	37,19 %	30,21 %	21,76 %	10,84 %
Equipa B	36,85 %	26,59 %	27,30 %	9,26 %

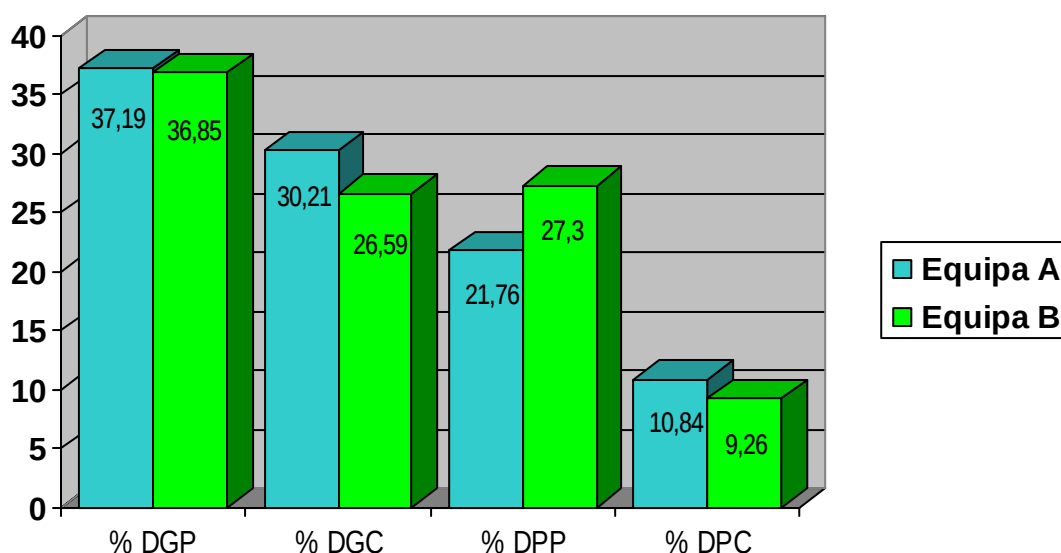


Figura 3 – Duelos ganhos e perdidos no sector defensivo

Os resultados são relativamente semelhantes. No entanto observamos que, a Equipa A com 30,21 % de duelos ganhos de cabeça, supera a Equipa B que só obteve 26,59 %. É interessante observar que a Equipa B perde mais duelos de pé (27,30 %) que a Equipa A (21,76 %). O saldo é positivo para as duas equipas entre os duelos ganhos e perdidos.

A Equipa A apresenta 67,4 % de duelos ganhos contra 32,6 % de duelos perdidos. A Equipa B ganhou 63,44 % contra 36,56 % de duelos perdidos. Estes resultados estão de acordo com as indicações de Mombaerts (1991), que referiu que as equipas para assegurarem a vitória, devem não perder os duelos (obter um balanço positivo) nas zonas defensivas.

9.2.2 Sector pré-defensivo – Percentagem de duelos ganhos e perdidos

O quadro 15 e a figura 4, representa a percentagem de duelos ganhos e perdidos no sector pré-defensivo.

Quadro 15 – Percentagem de duelos ganhos e perdidos (com o pé e com a cabeça) no sector pré-defensivo

Equipas	DGP	DGC	DPP	DPC
Equipa A	33,85 %	29,62 %	17,55 %	18,98 %
Equipa B	36,13 %	27,00 %	27,30 %	12,59 %

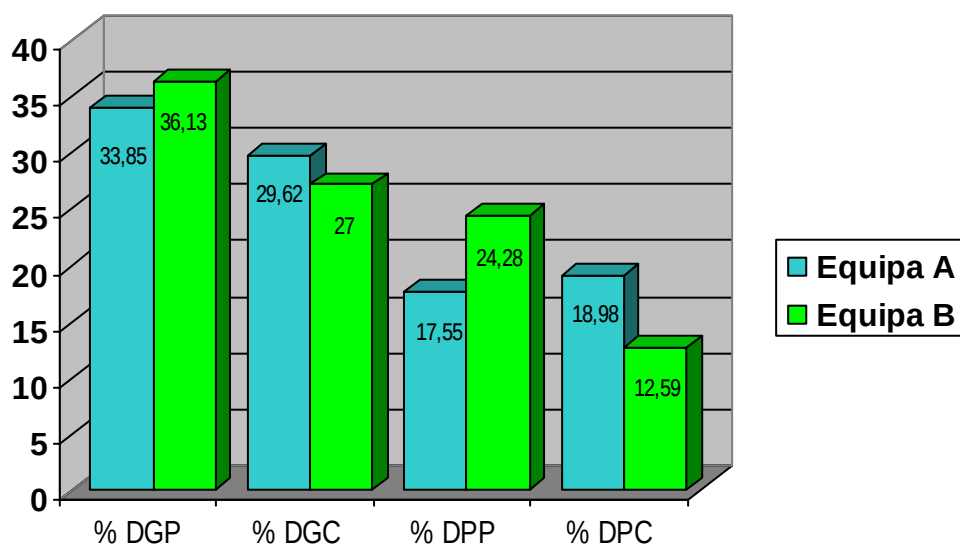


Figura 4 – Percentagem de duelos ganhos e perdidos (com o pé e com a cabeça) no sector pré-defensivo

Relativamente aos duelos ganhos com a cabeça, a Equipa A (29,62 %) ainda consegue ser superior à Equipa B (27,00 %). É de realçar que a Equipa B ganha mais duelos de pé (36,13 % contra 33,85 % que a Equipa A. Quanto aos duelos perdidos com o pé, mantém-se a diferença verificada no sector defensivo, com a Equipa B (24,28 %) a perder mais duelos que a Equipa A (17,55 %). De notar que para os duelos perdidos de cabeça, a tendência se inverte com a Equipa A que perde 18,98 % dos duelos.

As duas equipas apresentam saldos positivos entre os duelos ganhos e perdidos neste sector. A Equipa A ganhou 63,47 % dos duelos contra 36,53 % de duelos perdidos. A Equipa B ganhou 63,13 % dos duelos contra 36,87 % de duelos perdidos.

O balanço entre os duelos ganhos e perdidos, neste sector pré-defensivo, mostra uma diminuição dos duelos ganhos pela Equipa A. Chegamos a percentagens quase idênticas para as duas equipas. Doucet (2002), referiu que para vencermos um jogo, temos que, perder menos duelos do que o adversário nas zonas pré-defensivas. Gréhaigne (1992), afirma que “ganhar os duelos nestes sectores (S.D e S.P.D.) pode revelar-se determinante para conseguir os objectivos de jogo”.

No entanto, estes resultados reforçam a ideia de Mombaerts (1991), quando refere a importância de não perder os duelos (de forma geral) nas zonas defensivas. As duas equipas obtiveram assim um saldo positivo no S.D e no S.P.D..

9.2.3 Sector pré-ofensivo – Percentagem de duelos ganhos e perdidos

No quadro 16 e na figura 5, são apresentados os resultados relativos à percentagem de duelos ganhos e perdidos no sector pré-ofensivo.

Quadro 16 - Percentagem de duelos ganhos e perdidos (com o pé e com a cabeça) no sector pré-ofensivo

Equipas	% DGP	% DGC	% DPP	% DPC
Equipa A	24,27	19,52	28,55	27,66
Equipa B	33,14	15,43	31,32	20,11

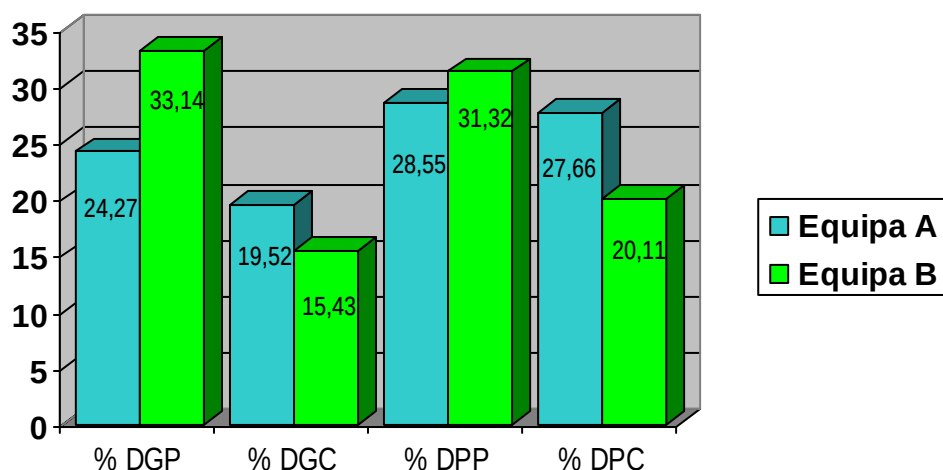


Figura 5 - Percentagem de duelos ganhos e perdidos (com o pé e com a cabeça) no sector pré-ofensivo

Os resultados mostram que, o saldo entre os duelos ganhos e perdidos inverteu-se para as duas equipas.

A Equipa A ganhou 43,79 % dos duelos contra 56,21 % de duelos perdidos no sector pré-ofensivo. A Equipa B ganhou 48,57 % dos seus duelos contra 51,43 % de duelos perdidos.

Quanto aos duelos ganhos com o pé, a Equipa B ganha 33,14 %, contra 24,27 % para a Equipa A. Podemos referir ainda que a percentagem de duelos perdidos (com o pé e com a cabeça) aumentou de forma considerável. A Equipa A perdeu 27,66 % dos duelos com a cabeça, enquanto à Equipa B perdeu 20,11 %.

Estes valores não vão de encontro às declarações de Doucet (2002), que referiu que as equipas vencedoras perdiam menos duelos que o adversário nas zonas pré-ofensivas.

9.2.4 Sector Ofensivo – Percentagem de duelos ganhos e perdidos

No quadro 17 e na figura 6, são apresentados os resultados dos duelos ganhos e perdidos no sector ofensivo.

Quadro 17 - Percentagem de duelos ganhos e perdidos (com o pé e com a cabeça) no sector ofensivo

Equipas	% DGP	% DGC	% DPP	% DPC
Equipa A	26,06	15,59	33,72	24,63
Equipa B	32,42	9,85	35,06	22,67

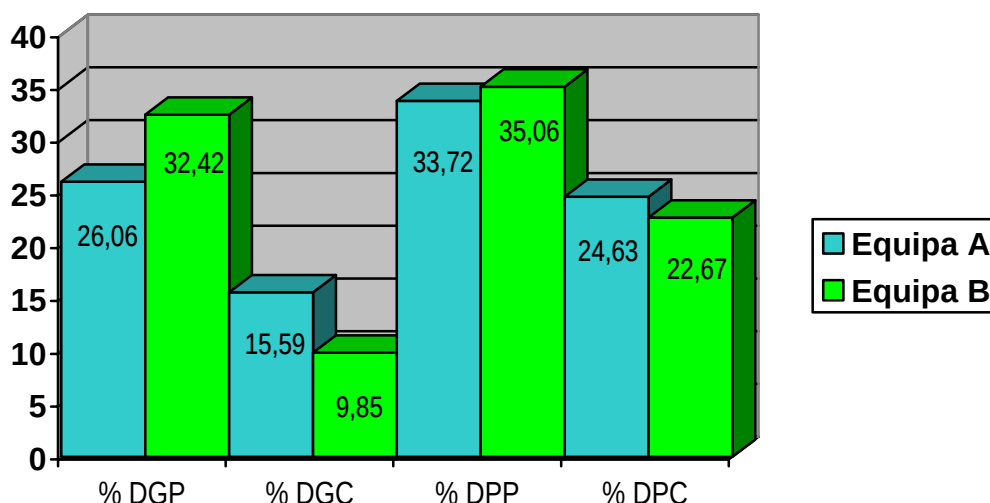


Figura 6 - Percentagem de duelos ganhos e perdidos (com o pé e com a cabeça) no sector ofensivo

A Equipa A apresenta um saldo negativo com 41,65 % de duelos ganhos e 58,35 % de duelos perdidos. A Equipa B apresenta também um saldo negativo entre os duelos ganhos (42,27 %) e perdidos (57,73 %). A Equipa B, com 35,06 %, continua a apresentar uma percentagem de duelos perdidos com o pé, superior à da Equipa A (33,72 %). Esta última ainda apresenta uma percentagem de duelos perdidos com a cabeça superior à Equipa B 22,67 %.

Relativamente aos duelos ganhos com o pé, a Equipa B (32,42 %) continua a apresentar uma percentagem superior à Equipa A (26,06 %). Doucet (2002) revelou a importância de perder menos duelos que o adversário, próximo da baliza adversária (S.O).

9.2.5 Percentagem de duelos disputados com a cabeça e com o pé

No quadro 18 e na figura 7, são apresentadas as percentagens de duelos realizados com o pé e com a cabeça.

Quadro 18 – Percentagem de duelos disputados com o pé e com a cabeça

Equipas	% Duelos com o pé	% Duelos com a cabeça
Equipa A	55,73	44,27
Equipa B	64,13	35,87

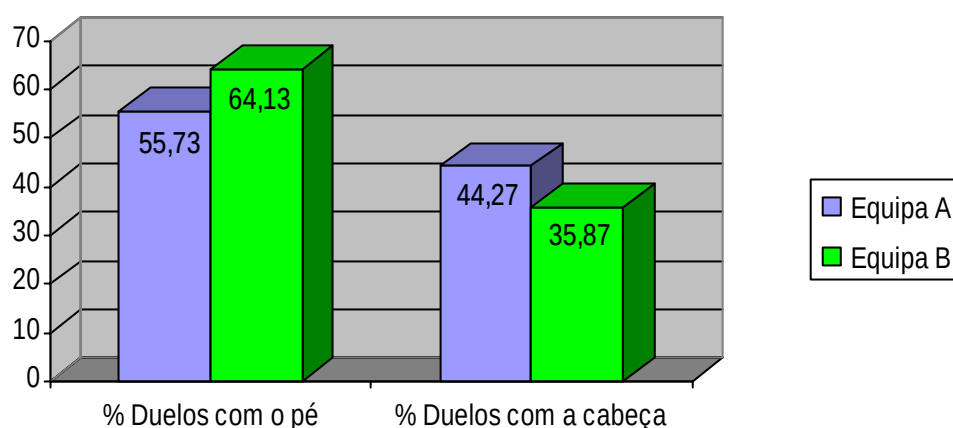


Figura 7 - Percentagem de duelos disputados com o pé e com a cabeça

Analisar a percentagem de duelos efectuados com a cabeça e com o pé, pode revelar um estilo de jogo mais pausado ou mais directo. A Equipa B disputou 64,13 % dos seus duelos com o pé, ao contrário da Equipa A que só efectuou 55,73 % dos seus duelos com o pé. Por consequência, a Equipa A obteve uma percentagem maior de duelos com a cabeça (44,27 %) que a Equipa B (35,87 %). Podemos afirmar que o “estilo de jogo” da Equipa B tem mais tendência a provocar duelos no solo que no ar. A origem desses resultados pode também ser o produto da forma como actuaram os adversários frente às equipas do nosso estudo.

9.2.6 Percentagem geral dos duelos ganhos e perdidos

No quadro 19 e na figura 8, são apresentados os resultados gerais dos duelos ganhos e perdidos nos jogos observados.

Quadro 19 – Percentagem de duelos ganhos e perdidos

Equipas	Duelos ganhos	Duelos perdidos
Equipa A	54,08 %	45,92 %
Equipa B	54,35 %	45,65 %

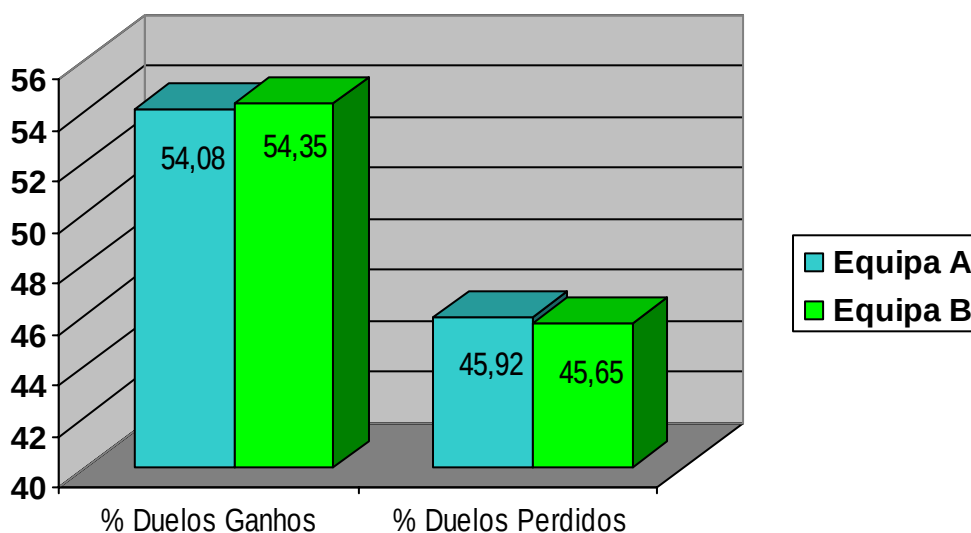


Figura 8 - Percentagem de duelos ganhos e perdidos

A Equipa B ganhou 54,35 % dos seus duelos contra 54,08 % para a Equipa A. Relativamente à percentagem de duelos perdidos, a Equipa B perdeu por consequência menos

duelos, com um valor de 45,65 % contra 45,92 % para a Equipa A. Embora a diferença seja muito pequena.

É interessante observar que os resultados apresentados por Doucet (2002) que verificou que as equipas ganhavam em media 53,6 % dos duelos contra 43,4 % de duelos perdidos, na situação de vencedor, se verifiquem com as “nossas equipas” onde os valores são muito próximos. No entanto elas não tiveram uma grande percentagem de vitórias (40 %), nos jogos observados.

Relativamente aos sectores de jogo, o mesmo autor tinha realçado a importância de ganhar os duelos no S.D e S.O. As nossas equipas observadas obtiveram percentagens positivas no sector defensivo, mas apresentaram uma percentagem superior de duelos perdidos no sector ofensivo. Foi uma constante ao longo dos diferentes jogos.

O balanço das percentagens dos duelos ganhos e perdidos no sector pré-defensivo, está de acordo com as observações de Doucet (2002), que afirma que as equipas devem ganhar também os seus duelos no S.P.D..

9.3 A Finalização

Neste contexto serão apresentados os resultados relativos à finalização. Para este efeito interessa-nos observar as acções ofensivas finalizadas (A.O.F) com remate. Observámos algumas variáveis como o número médio de passes que antecedem um remate, o número médio de remate por jogo, as zonas de origem e de finalização das A.O.F com remate.

Decidimos não dar muito atenção às variáveis relativas às A.O.F com golo pelo facto da amostra ser pouca representativa.

9.3.1 Número médio de remates por jogo e por equipa

No quadro 20 e na figura 9, é apresentado o número médio de remates por jogo, para cada equipa.

Quadro 20 - Média de remates por jogo

Equipas	Média de remates por jogo
Equipa A	11,6
Equipa B	14,8

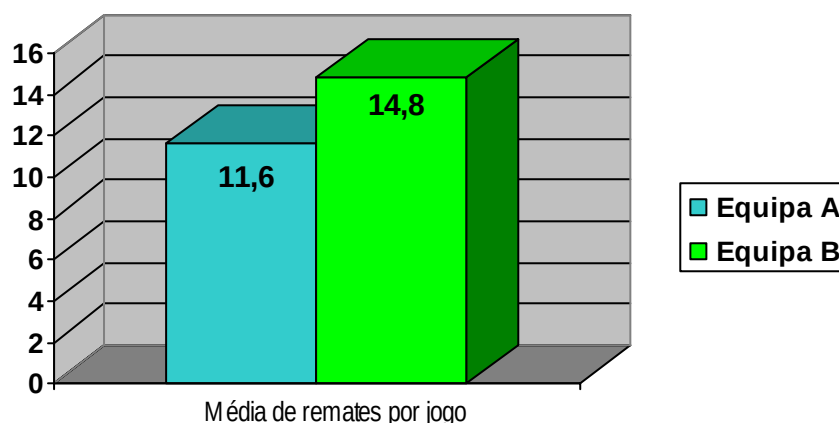


Figura 9 – Média de remates por jogo

A Equipa B realiza em média 14,8 remates por jogo contra 11,6 remates da Equipa A. Relativamente ao trabalho de Doucet (2002), que notou que as equipas que ganhavam rematavam em média 14 vezes por jogo, a Equipa B aproxima-se mais destes resultados. No

entanto, obteve uma percentagem de vitórias menor do que a Equipa A, nos jogos observados. Teremos então que procurar na eficácia nos remates a explicação para este fenómeno.

9.3.2 Eficácia de golos por remate

No quadro 21 e na figura 10, apresentamos a eficácia de golos por remate.

Quadro 21 – Eficácia de golos por remate

Equipas	Eficácia de golos por remate
Equipa A	8,6 %
Equipa B	4,05 %

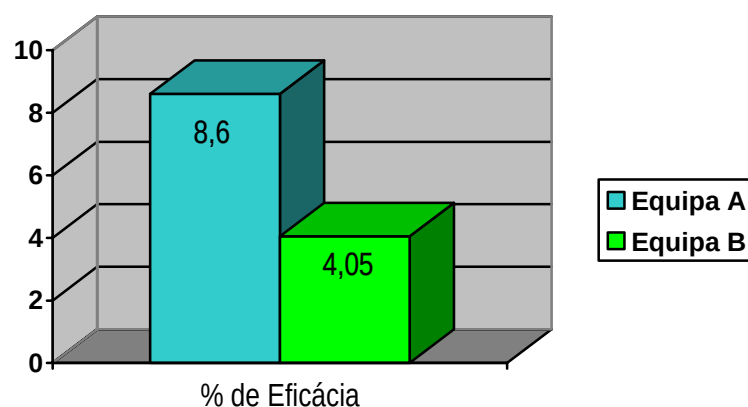


Figura 10 - Eficácia de golos por remate

Apesar de rematar menos vezes que a Equipa B, a Equipa A (8,06%) possuiu uma percentagem de eficácia maior na relação golos/remates, que a Equipa B (4,05%). Estes resultados explicam, o facto da Equipa A ter ganho mais jogos do que a Equipa B. A percentagem de eficácia da Equipa A aproxima-se do perfil de uma equipa que empate (6,58%), segundo Doucet (2002). Relativamente à Equipa B, a percentagem de eficácia aproxima-se do perfil de uma equipa que perde (4,82%) segundo o mesmo autor.

Os resultados verificados por Wrzos (1984), Gréhaigne (1992) e Mombaerts (1991), apontam para uma eficácia média de aproximadamente 10 %.

9.3.4 Número médio de passes que antecedem um golo

O quadro 22 e a figura 11, representam o número médio de passes que antecedem um golo.

Quadro 22 – Média de passes que antecedem um golo

Equipas	Número médio de passes que antecedem um golo
Equipa A	2,4
Equipa B	6,3

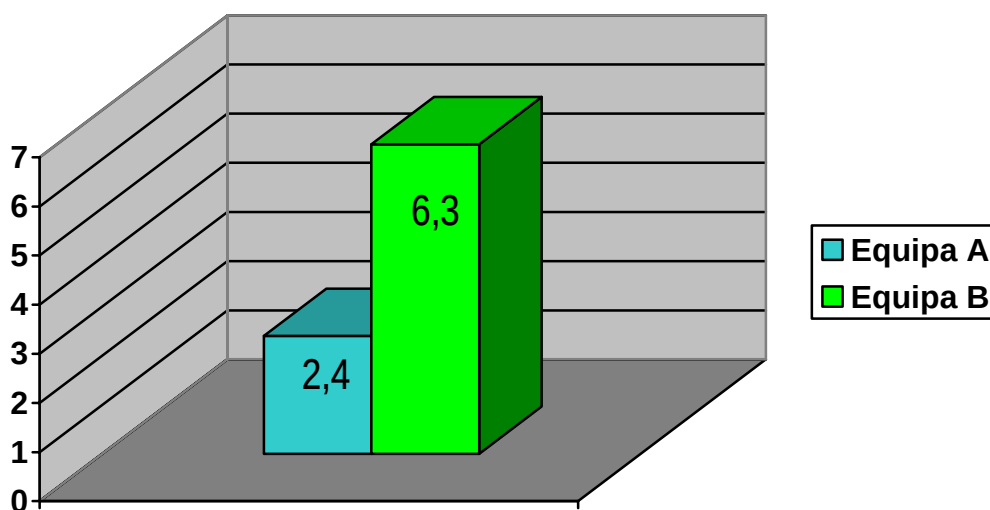


Figura 11 - Média de passes que antecedem um golo

Relativamente aos golos marcados, é notória a forma como a Equipa B constrói os seus golos, com uma média de 6,3 passes para as acções que acabam em golo. A Equipa A parece querer surpreender o adversário com acções rápidas e curtas (2,4 passes nas sequências eficazes). Além disso marca golos através de A.O curtas ao contrário da Equipa B.

Segundo Mombaerts (1991), a eficácia elevada da acção ofensiva resulta de A.O curtas de 0 à 4 passes.

Wrzos (1984) indica que as acções mais eficazes são construídas por 2 ou 3 passes. Talaga (1985), refere que as acções com maior eficácia são elaboradas com 4 passes. Quanto a Bates (1990), que observou o Mundial 86, registou que 80 % dos golos foram marcados após 4 passes.

9.3.5 Número médio de passes e NMJ que intervêm com a bola nas A.O.F com remate

O quadro 23 e a figura 12, representam o número médio de passes e de jogadores que integram as A.O.F.

Quadro 23 – Número médio de passes e de jogadores que intervêm nas A.O.F

Équipe	Nº médio de passes nas A.O.F	N.M.J que intervêm nas A.O.F
Equipa A	2,11	3,02
Equipa B	4	5,86

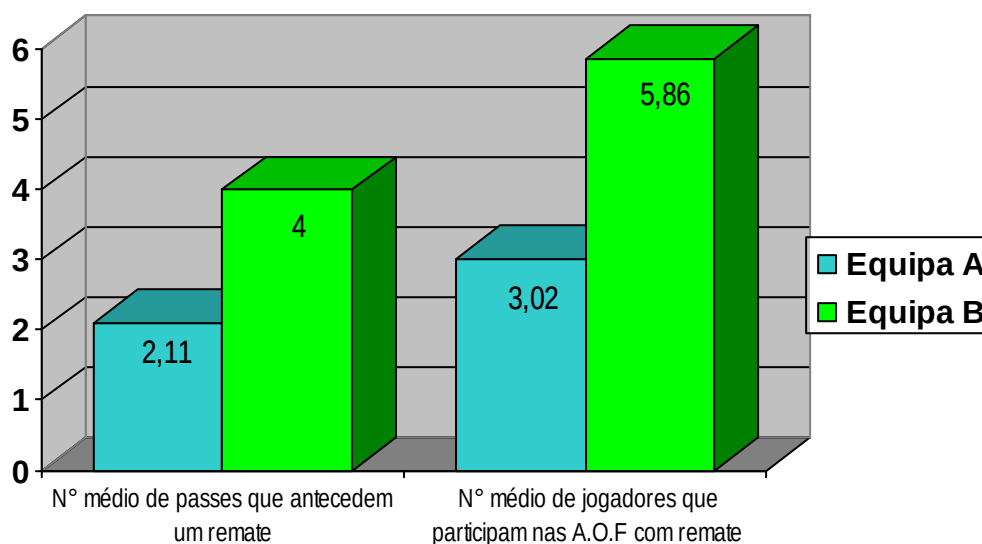


Figura 12- Média de passes e de jogadores nas A.O.F

Nas A.O.F com remate, a Equipa B necessitou de realizar mais passes (média de 4 passes) do que a Equipa A (2,11) para rematar. Esta última equipa encontra-se então na percentagem de Doucet (2002) que afirmou que 73,5% dos remates eram efectuados após uma sequência inferior a 3 passes. Por consequência, intervêm em média mais jogadores (5,86) da equipa B nas A.O.F do que nas da Equipa A (3,02).

Relativamente ao número médio de jogadores a intervirem nas A.O.F, num estudo de Lopes (1994), verificam-se os seguintes resultados: média de 2 (27%) e de 3 (20 %) elementos que intervêm nas A.O.F.

9.3.6 Percentagem por Z.I.A.O.F e Z.T.A.O.F com remate

De seguida, no quadro 24 e nos esquemas 31 e 32 (anexo 6 e 7), são apresentados os resultados das duas equipas observadas, relativamente às Z.I.A.O.F e Z.T.A.O.F com um remate.

Quadro 24 – Percentagem de A.O por zona que originam e acabam com remates

Equipas	Zonas do Campo																
		Z1	Z2	Z3	Z4	Z5	Z6	Z7	Z8	Z9	Z10	Z11	Z12	Z13	Z14	Z15	Z16
Equipa A	ZI	1,70	5,08	0	3,39	5,08	5,08	1,70	1,70	13,56	8,47	13,56	1,70	25,42	6,78	5,08	1,70
	ZT	0	0	0	0	0	0	0	0	5,08	5,08	3,39	3,39	5,08	44,07	27,12	6,79
Equipa B	ZI	4,17	6,94	5,55	6,94	4,17	4,17	2,78	4,17	9,72	4,17	5,55	5,55	9,72	13,90	9,72	2,78
	ZT	0	0	0	0	0	0	0	0	1,39	6,94	0	2,78	11,11	45,83	30,95	1,39

Equipa A -

	Percentagem (%) de remate na zona referida				Percentagem (%) das A.O.F com remate que iniciaram nesta zona
					Total por sector de jogo
Sector ofensivo	5,08	44,07	27,12	6,79	83,06
	25,43	6,78	5,08	1,69	38,98
Sector pré-ofensivo	5,08	5,08	3,39	3,39	16,94
	13,57	8,47	13,57	1,69	37,3
Sector pré-defensivo	0	0	0	0	0
	5,08	5,08	1,69	1,69	13,55
Sector defensivo	0	0	0	0	0
	1,69	5,08	0	3,39	10,17

Esquema 31 – Equipa A

Como se pode observar no esquema 31, o S.O aparece, para a Equipa A, como o sector privilegiado para iniciar as A.O.F com remate (38,98 %), com a zona 13 a destacar-se com 25,43 % da totalidade das A.O.F com remate, a iniciaram nessa zona.

No entanto o S.P.O aparece como o segundo sector mais utilizado com 37,3 %. A diferença é pequena, comparativamente ao S.O. O Sector pré-defensivo (13,55 %) e o sector defensivo (10,17 %) são os sectores que se seguem como sectores mais utilizados.

Equipa B -

Percentagem de remate nesta zona

Percentagem das A.O que iniciaram nesta zona



Esquema 32 – Equipa B

Relativamente à Equipa B e como se pode verificar no esquema 32, o S.O é o sector mais privilegiado para iniciar as A.O.F com remate (inferior à Equipa A que regista 38,98 %) com 36,12 %, sendo a zona 14 (13,90 %) a mais utilizada. Segue-se depois o S.P.O (24,99) e, curiosamente, o S.D (23,6 %), como os sectores mais utilizados para iniciar as acções que terminam com remate. O S.P.D (15,29 %) surge como o sector menos utilizado para iniciar as A.O.F com remate.

A Equipa B teve então mais tendência para iniciar as A.O.F com remate longe da baliza adversária do que a Equipa A. Se somarmos a percentagem dos sectores defensivos e a

percentagem dos sectores ofensivos para cada equipa, a Equipa A apresenta uma percentagem de 76,3 % para os sectores ofensivos e de 23,7 % para o conjunto dos sectores defensivos.

A Equipa B iniciou 61,1 % das suas A.O.F com remate nos sectores ofensivos, contra 38,9 % nos sectores defensivos.

É interessante verificar no quadro 25, que os resultados da equipa B, são relativamente próximos dos encontrados por Doucet, no que diz respeito às zonas que originam A.O.F. Assim, temos 23,6 % das A.O.F com remate que se iniciaram no S.D para a equipa B, contra 22 % segundo os resultados de Doucet (2002) neste mesmo sector. Relativamente ao S.P.D, a equipa B apresenta uma percentagem de 15,29 contra 17 de Doucet (2002), de A.O.F que iniciarem neste sector.

Quanto às A.O.F que se iniciam no S.PO, a equipa B iniciou 24,99 % das suas A.O.F neste sector contra os 25 % apontados por Doucet (2002). Da mesma forma, os resultados são muito próximos dos do sector ofensivo, com 38,98 % das A.O.F a iniciarem-se neste sector, contra 38 % para Doucet (2002).

Quadro 25 – Sector que originaram as A.O.F

Sector que originaram A.O.F	Equipa A	Equipa B	Doucet (2002)
S.D	10,17 %	23,6%	22 %
S.P.D	13,55 %	15,29 %	17 %
S.P.O	37,3 %	24,99 %	25 %
S.O	38, 98 %	36,98 %	38%

Quanto à Equipa A, o resultado encontrado (38,98 %) para o S.O, é muito próximo do resultado obtido por Doucet (2002) com 38 %.

A Equipa A finalizou (com remate) 83,06 % das suas A.O.F, no sector ofensivo, sendo a zona 14 a mais utilizada com 44,07 %.

O Sector pré-ofensivo mobiliza os restantes remates com 16,94 % das A.O.F que terminam neste sector.

A Equipa B também utilizou principalmente, o sector ofensivo (88,89 %), seguindo-se do sector pré-ofensivo (11,1 1%), sendo a zona 14 (45,83 %) privilegiada para rematar.

10. Conclusão

Na elaboração deste trabalho, a observação centrou-se como já foi dito, no processo defensivo e ofensivo de duas equipas de alto nível. A amostra, pela pequena amplitude de jogos observados (devido aos muitos factores observados nos quatro temas referidos anteriormente) limita um pouco a validade das conclusões. No entanto, foi possível chegar a conclusões relativamente aos dados observados e analisados, e compará-los com as hipóteses elaboradas anteriormente.

Assim verificamos:

- Ocupação do espaço

- Colocamos a hipótese de que as duas equipas iam evoluir preferencialmente no S.P.O e S.O. Contudo a Equipa A demonstrou (através a posição média dos seus jogadores) evoluir mais baixo no terreno (posições mais defensivas) que a Equipa B, que revelou ter uma atitude mais ofensiva ocupando preferencialmente o S.P.O, com os dois laterais a evoluírem na mesma linha que os médios defensivos;
- Notamos ainda uma maior utilização do campo por parte da equipa B, onde os jogadores ocupam de forma homogénea, os quatro sectores e corredores de jogo. Quanto à equipa A, tivemos a oportunidade de salientar por vezes, a falta de apoio dos atacantes com os restantes jogadores da equipa.

- Circulação de bola

- A hipótese formulada de que as equipas observadas apresentariam uma grande variedade de circuitos preferenciais, confirmou-se particularmente para a Equipa B. Quer nas relações médias (onde cada jogador integram duas ou três relações médias), quer nas relações fortes e determinantes, esta equipa parece ter uma identidade própria de jogo. Isto porque as relações se mantêm constantes ao longo dos jogos observados, em que cada jogador assume um papel relevante na circulação de bola;

- Ao contrário, a Equipa A não confirmou a nossa hipótese, revelando poucos circuitos preferenciais, evidenciado particularmente nas relações fortes e determinantes;
- A hipótese por nós formulada, de que o número médio de passe por A.O ia estar de acordo com os resultados encontrados por Cunha (1999), ou seja, entre 2,63+/- 0,68 e 3,04+/- 0,41, apenas se verificou na Equipa A (2,55), ao contrário da Equipa B (3,41). Em relação a estes resultados, podíamos emitir duas hipóteses:

1. A Equipa A possui um estilo de jogo mais directo que a equipa B;
2. A Equipa B possui uma qualidade de passe superior à da Equipa A.

Infelizmente não tivemos a oportunidade de calcular a percentagem de passes conseguidos e errados para confirmar estas hipóteses.

- A hipótese que formulámos em que o número médio de jogadores envolvidos nas A.O se iria aproximar do número 7 encontrado por Castelo (1994), a equipa A (3,55) e a Equipa B (4,41) não confirmaram esta tendência, revelando no entanto uma maior participação colectiva por parte da Equipa B.
- As duas equipas apresentaram perfis de formações que evoluíam em ataques rápidos com poucos passes e poucos jogadores a intervirem nas A.O. A Equipa A com uma de 2, 55 passes por A.O e uma média de 3,55 jogadores a intervirem por A.O, revelou ser o conjunto com características mais próximas do jogo em contra ataque, definido por Castelo (1994).
- Relativamente à orientação dos passes, a hipótese de que as duas equipas iam dirigir preferencialmente os seus passes para frente, confirmou-se. A Equipa A desmarca-se com 57,15 % de passes direccionados para a frente contra 53,17 % para a Equipa B. No entanto a Equipa B efectua 27,66% de passes laterais contra 24,45 % para a Equipa A. Finalmente, as percentagens são praticamente idênticas para os passes orientados para trás (18,39 % para Equipa A e 18,93 % para a Equipa B).

- Os Duelos

- Os resultados encontrados confirmaram a nossa hipótese, baseada nas declarações de Mombaerts (1991) e Doucet (2002), de que a Equipa A (54,08 %) e a Equipa B (54,35 %) apresentariam um saldo geral positivo entre os duelos ganhos e perdidos no S.D e no S.P.D.;

- Constatamos ainda, que a Equipa B (64,13 %) efectuou mais duelos com o pé que a Equipa A (55,13 %). Este indicador reforça a ideia que a Equipa B actuou com um jogo de bola menos aéreo que a Equipa A.
- Relativamente às afirmações de Gréhaigne (1992), que afirmava que é no S.P.D e no S.P.O que se situa o “estado de equilíbrio” e que “ganhar os duelos nesses sectores podem ser determinantes para conseguir os objectivos de jogo”, pode dizer-se que a Equipa A (56,21 % de duelos perdidos) e a Equipa B (51,43 % de duelos perdidos) não obtiveram resultados positivos no S.P.O.;
- A hipótese formulada de que as duas equipas iam conseguir obter um balanço geral positivo (somando os quatro sectores de jogo) entre os duelos ganhos e perdidos, foi confirmada pela Equipa A (54,08 %) e pela Equipa B (54,35 %), com valores muito próximos. Foi interessante observar que os valores encontrados pelas duas equipas estavam muito próximos dos resultados de Doucet (2002), que verificou que as equipas ganhavam em média 53,6 % dos duelos contra 43,4 % de duelos perdidos.

- A Finalização

- Formulamos a hipótese, de que as equipas iam rematar em média 14 vezes. A Equipa B (14,8) foi a equipa que se aproximou mais do valor referido por Doucet (2002) e assim revelou ser uma equipa mais ofensiva. A Equipa A (11,6) rematou em média menos vezes que a equipa B;
- Quanto à eficácia de golos, a hipótese que formulámos baseada no trabalho de Doucet (2002) era que as equipas iam obter valores próximos dos 16,21 %, mas os resultados encontrados foram negativos. A Equipa A (8,06 %) e a Equipa B (4,05 %), apresentaram o “perfil” (segundo Doucet, 2002) de equipas que respectivamente, perdem e empatam. A Equipa A compensou estes resultados com a média de remates e a Equipa B com um maior índice de eficácia frente à baliza;
- Relativamente à hipótese elaborada, de que as A.O.F com golo pelas duas equipas, iam ser elaboradas em média por um número inferior ou igual a 4 passes, a Equipa A (2,4) confirma a nossa hipótese contrariando assim os resultados encontrados para a Equipa B (6,3) que demonstrou construir A.O.F com golo, mais prolongadas.

- As A.O.F com remate mostraram também que a Equipa 1 (2,11) estava dentro do intervalo referido por Doucet (2002), que afirmava que 73,5 % dos remates eram efectuados após uma acção inferior à 3 passes. A Equipa B (4) encontra-se acima dos valores de Doucet (2002).
- No que diz respeito às zonas ou sectores iniciais das A.O.F, a Equipa A com 73,3 % do total das A.O.F a iniciaram nos sectores ofensivos (Sector pré-ofensivo e sector ofensivo), mostrou tendência para iniciar essas acções perto da baliza adversária, o que explica A.O curtas antes de rematar. A Equipa B tentou construir A.O mais distantes da baliza adversária, com apenas 61,1 % das A.O.F a iniciaram nos sectores ofensivos.
- A zona 14, foi a zona mais utilizada, para rematar pela equipa A (44,07 %) e pela equipa B (45,83 %).

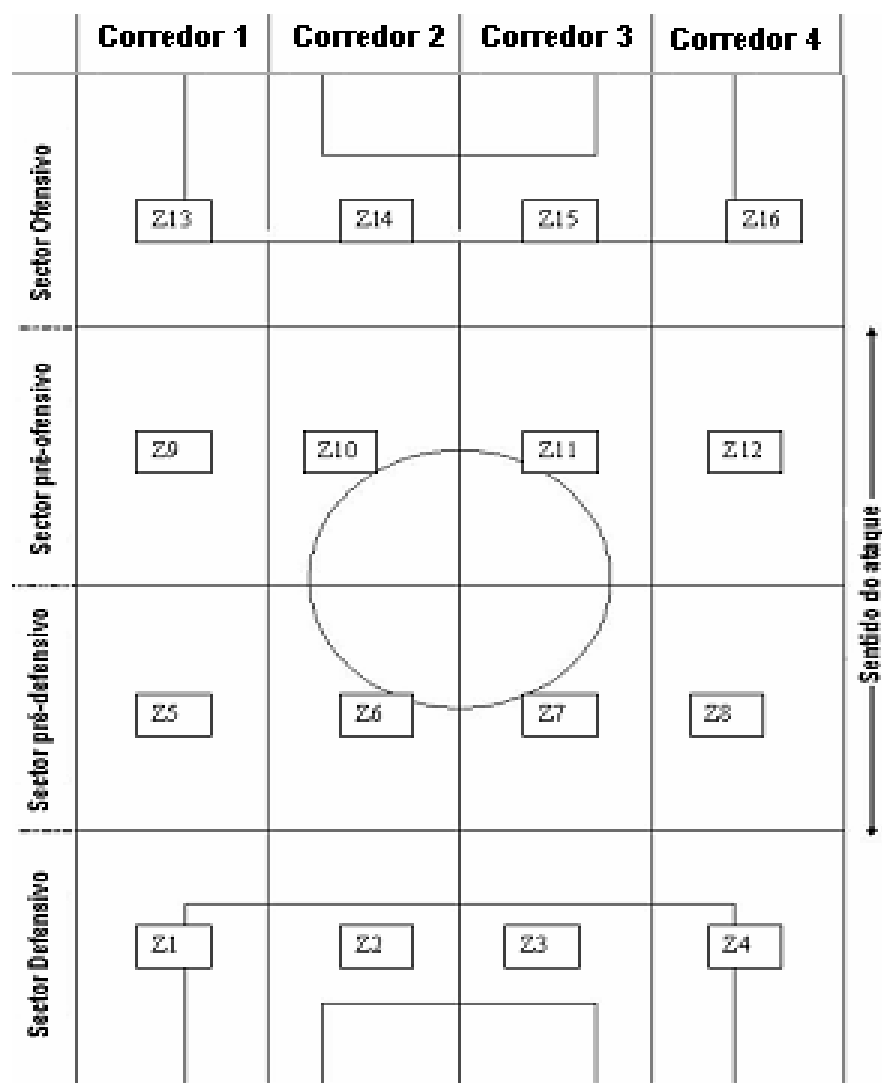
11. Bibliografia

- Barreto, J.P. (2003): Pressing e posse de bola, Monografia de Licenciatura, FCDEF-UP.
- Bayer, C. (1986): Enseignement des jeux sportifs collectifs. Ed. Vigot Frères. Paris.
- Benedek, E. (1984): Football - Le duel. Ed. Broodcoorens Michel, Brakel.
- Castelo, J. (1994): Futebol - modelo técnico-tático do jogo. Ed. FMH. Universidade de Lisboa.
- Castelo, J. (1996): Futebol - a organização do jogo". Ed. do Autor.
- Cherry, A.O. (2000): A importância dos lances de bola parada no Campeonato do Mundo "França 98". Monografia de Licenciatura, FCDEF.
- Coever, W. (1984) adaptação Jean Philippe Rethacke, Technique du footballeur. Ed. Robert Laffont.
- Corbeau, J. (1988) : De l'école...aux associations. Ed. revue EPS. Paris.
- Correia, P. (2003) : Posse de bola e Eficácia Ofensiva em Futebol – Estudo comparativo entre equipas de nível competitivo distinto e entre a Liga Portuguesa e a Liga Espanhola na temporada de 2002/2003. Monografia de Licenciatura, FCDEF-UP.
- Cunha, V (1997) : Estudo da eficácia ofensiva em equipas de alto nível. Monografia de Licenciatura, FCDEF-UP
- Cunha, P. (1999): O comportamento ofensivo em futebol – Estudo das acções realizadas pela equipa da França ao longo do Campeonato do Mundo França 98. Monografia de Licenciatura, FCDEF-UP.
- Dias, G. (2000): A posse de bola no futebol – Um indicador da qualidade e rendimento das equipas. Monografia de Licenciatura, FCDEF-UP.
- Doucet, C. (2002) : Football – entraînement tactique. Ed. Amphora.
- Duarte, D. (1999): Espaço e tempo, variáveis libertadoras/restritivas do ataque no futebol. Monografia de Licenciatura, FCDEF-UP.
- Faria, F. (1998): Defender para atacar – Um compromisso para a eficácia em futebol de rendimento superior. Monografia de Licenciatura, FCDEF-UP.
- Folgueira, S.V. (2002): Defesa en fùtbol. Ed. Paidotribu (collé).
- Fourquet J.P. (1989): Situations motrices et sports collectifs. Revue EPS n°219.

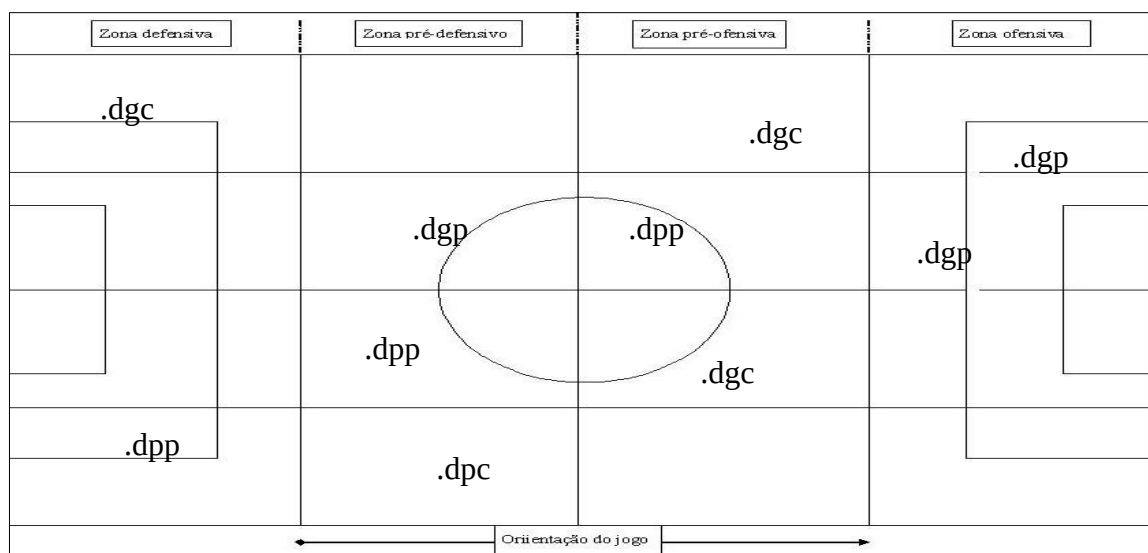
- Garganta, J. e Pinto, J. (1994), o ensino dos jogos desportivos – o ensino do futebol, Ed. A. Graça e J. Oliveira, FCDEF-UP.
- Garganta, J.F. (1997): Modelação táctica do jogo de Futebol - estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Tese de Doutoramento. FCDEF-UP.
- Gréhaigne J.F., Guillon R., Billard M. (1993) : Quelques concepts, outils et observables utiles pour l'évaluation en sports collectifs. Ed. Dossier n°17.
- Gréhaigne, J.F (1992) : L'organisation du jeu en Football. Ed. Actio. Joinville.
- Gréhaigne, J.F. (1989) : Football de Mouvement. Vers une approche systémique du jeu. Thèse de Doctorat en Sciences Techniques des Activités Physiques et Sportives. Université de Bourgogne, UFR-STAPS.
- Groupe sports collectifs de l'académie de Dijon (1993) : Didactique des sports collectifs à l'école. Ed. Dossier EPS n°17. Paris.
- Haldas, G. (S/D): la légende du football.
- Hughes (1990): The winning formula. Ed. Williams Collins. London.
- Laurier, A. (1989): Football – culture tactique et principes de jeu. Monografia de Licenciatura, FCDEF-UP.
- Lopes, D. (1994): A finalização como registo de eficácia – Estudo sobre o Futebol Clube do Porto. Monografia de Licenciatura, FCDEF-UP.
- Mercier, J. (1979) : le football, que sais-je?. Ed.P.U.F.,
- Mombaerts, E. (1996) : Entraînement et performance collective en Football. Ed.Vigot.
- Olivares, H.T. (1978): Realidade y Fantasia del fútbol total. Ed. Augusto E. Pila Teleña.
- Oliveira, J. (1995): O ensino dos jogos desportivos. Ed.Amândio Graça.
- Oliveira, L. (1996): Estudo comparativo das acções ofensivas finalizadas com remate em equipas de futebol de diferente nível competitivo. Monografia de Licenciatura, FCDEF-UP.
- Rigueira, A., Pinto, J.A. (1991): Futebol - manual de testes específicos. Ed. imprensa universitária.
- Rosário, V. (1994): Estudo comparativo das acções de duelo em equipas de futebol de diferenciados níveis competitivos. Monografia de Licenciatura, FCDEF-UP.

- Sledziewski,D. e Ksionda,G. (1984): Estudos sobre as condicionantes da efectividade do jogo do futebol, in Futebol em revista, nº8 – 4ª série 41 – 49.
- Silva, H. (1998): Caracterização do processo ofensivo em equipas de rendimento superior.Monografia de Licenciatura, FCDEF-UP.
- Teixeira, A. (2000): Caracterização do processo ofensivo em equipas de futebol de rendimento superior. Monografia de Licenciatura, FCDEF-UP.
- Trinidad, M. (1974) : le football, simple jeu d'adresse ou résultat d'un entraînement dynamique? Ed. Chiron-Sports.
- Turpin, B. (2002): Préparation et entraînement du footballeur. Ed. Amphora. Paris.
- Vermeulen, H. (2004) com a participação de Sollied, T. : Football - Entraînement à la zone. Ed.Amphora Sports. Paris.
- Whal, A. (1990) : La balle au pied - Histoire du football.Ed.Gallimard.
- Wrzosek, J. (1984): La tactique de l'attaque. Ed. Brodacz.

12. Anexos



Anexo 1 - Campograma – Sectores e Zonas do Campo



Anexo 2 - Campograma - local dos duelos ganhos e perdidos (com o pé e com a cabeça)

Anexo 3 – Ficha de descrição das A.O

A.O 1	ex.: 2-7-2 bola perdida
A.O 2	ex.: 1-4 Falta
A.O 3	ex.: 4-10-2 bola fora
A.O 4	
A.O 5	
.....	

Anexo 4 – Percentagem de duelos ganhos e perdidos nos diferentes jogos – Equipa A

Jogos	Duelos ganhos	Duelos perdidos
Jogo 1	61, 36	38,64
Jogo 2	54, 33	45,66
Jogo 3	47, 84	52, 16
Jogo 4	50, 28	49, 72
Jogo 5	56, 59	43, 41
Média	54, 08	45, 92

Anexo 5 – Percentagem de duelos ganhos e perdidos nos diferentes jogos – Equipa B

Jogos	Duelos ganhos	Duelos perdidos
Jogo 6	54, 41	45, 59
Jogo 7	61, 93	38, 07
Jogo 8	49, 72	50, 28
Jogo 9	49,82	50,18
Jogo 10	55, 87	44, 13
Média	54, 35	45, 65

Anexo 6 – Quadro de dados – Equipa A

Jogos	Média de passes por A.O	Orientação dos passes para atrás	Orientação dos passes laterais	Orientação dos passes para a frente
Jogo 1	2,57	25,75	19,03	55,22
Jogo 2	3,02	17,46	28,90	53,64
Jogo 3	2,89	18,95	25,47	55,58
Jogo 4	1,98	16,25	19,06	64,69
Jogo 5	2,28	13,55	29,81	56,64
Média	2,55	18,39	24,45	57,15

A.O – Acção Ofensiva

Anexo 7 – Quadro de dados – Equipa B

Jogos	Média de passes por A.O	Orientação dos passes para trás	Orientação dos passes laterais	Orientação dos passes para a frente
Jogo 6	3,48	20,4	24,37	55,23
Jogo 7	3,49	20,45	24,39	55,16
Jogo 8	2,98	16,24	29	53,55
Jogo 9	3,5	16,75	31,68	51,57
Jogo 10	3,6	20,82	28,84	50,34
Média	3,41	18,932	27,656	53,17

A.O – Acção Ofensiva

Anexo 6 – Z.I e Z.T de A.O.F com remate – Equipa A

Anexo 7 – Z.I e Z.T de A.O.F com remate - Equipa A

Jogo	Zonas	Z1	Z2	Z3	Z4	Z5	Z6	Z7	Z8	Z9	Z10	Z11	Z12	Z13	Z14	Z15	Z16
Jogo 1	ZI					3				2	1	1	1	2	2	1	
	ZT										1			1	9	2	
Jogo 2	ZI		3		1				1	2	2			5			
	ZT									2			1	1	4	4	2
Jogo 3	ZI						2	1		2	1	3		4	2	1	
	ZT											2	1	1	9	2	1
Jogo 4	ZI				1							1		1			
	ZT														1	2	
Jogo 5	ZI	1					1			2	1	3		3		1	
	ZT									1	1				3	6	1
Total dos resultados	ZI	1	3		2	3	3	1	1	8	5	8	1	15	4	3	1
	ZT									3	3	2	2	3	26	16	4
Percentagem (%)	ZI	1,70	5,08	0	3,39	5,08	5,08	1,70	1,70	13,56	8,47	13,56	1,70	25,42	6,78	5,08	1,70
	ZT	0	0	0	0	0	0	0	0	5,08	5,08	3,39	3,39	5,08	44,07	27,12	6,79

Z.I – Zona Inicial;

Z.T – Zona Terminal;

Z1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15 e 16 – Zona 1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15 e 16

Anexo 7 – Z.I e Z.T de A.O.F com remate - Equipa B

		Z1	Z2	Z3	Z4	Z5	Z6	Z7	Z8	Z9	Z10	Z11	Z12	Z13	Z14	Z15	Z16
Jogo 6	ZP	1	2	1			2	1		1			2	2	1		1
	ZF										1		1		6	6	
Jogo 7	ZP		3	2			1			1	1	2		2	2	2	1
	ZF													3	7	7	
Jogo 8	ZP				2				1	3		1	1	1	5	1	
	ZF									1				1	8	4	
Jogo 9	ZP	1		1	2	1			2	1	2	1			1	2	1
	ZF										3		1	3	7		
Jogo 10	ZP	1			1	2		1		1			1	2	1	2	
	ZF										1			1	5	5	
Total	ZP	3	5	4	5	3	3	2	3	7	3	4	4	7	10	7	2
	ZF	0	0	0	0	0	0	0	0	1	5	0	2	8	33	22	1
%	ZP	4,17	6,94	5,55	6,94	4,17	4,17	2,78	4,17	9,72	4,17	5,55	5,55	9,72	13,90	9,72	2,78
	ZF	0	0	0	0	0	0	0	0	1,39	6,94	0	2,78	11,11	45,83	30,95	1,39

Z.I – Zona Inicial;

Z.T – Zona Terminal.

Z1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15 e 16 – Zona 1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15 e 16